

Organizadora
Anna Palma

A Tradução como prática (e teoria):
Entrevistas com tradutoras e tradutores



FALE/UFMG
Belo Horizonte
2021

Diretora da Faculdade de Letras
Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretora
Sueli Maria Coelho

Coordenador
Cristiano Barros Silva

Comissão editorial
Elisa Amorim Vieira
Emília Mendes
Fábio Bonfim Duarte
Luis Alberto Brandão
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico
Glória Campos – Mangá Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais
Ana Cláudia Dias Rufino
Ytalo Andrade

Diagramação
Ytalo Andrade

Revisão de provas
Denise Campos
Lucas Navarro

ISBN
978-65-87237-28-2 (digital)
978-65-87237-27-5 (impresso)

Endereço para correspondência
LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG
Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108
31270-901 – Belo Horizonte/MG
Tel.: (31) 3409-6072
e-mail: vivavozufmg@gmail.com
site: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

Sumário

5 Introdução

Anna Palma

11 Transmutar-se pela palavra, no corpo da palavra: Entrevista com Álvaro Faleiros

Douglas Francisco

Elisa Cordeiro Praes

Tauani Lavarini

21 Um olhar sobre a prática do poeta-tradutor: Entrevista com Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho

Cássio Biz Morosini Filho

Lívia Elisa Lemos Melo

33 Uma visão sobre a tradução de clássicos gregos: Entrevista com Christian Werner

Douglas Francisco

Elisa Cordeiro Praes

Tauani Lavarini

39 Por que traduzir literatura antiga? Entrevista com Antonio Orlando de Oliveira Dourado Lopes

Gabriel Portella Carneiro

55 Da tradução editorial à técnica: Entrevista com Diogo Rufatto

Milene Rocha Vieira

65 Confluências entre tradução e outras práticas: Entrevista com Stephanie Borges

Isabela Braga Lee

81 Tradução livre e independente: Entrevista com Camilla Felicori e Otávio Moraes

Clarice Maria de Jesus Macieira

91 Sobre os autores

Introdução

Anna Palma

Esta publicação é fruto de um projeto desenvolvido durante a disciplina de “Estudos temáticos de tradução – Clássicos da Tradução: panorama histórico” do curso de Bacharelado em Tradução da Faculdade de Letras, ministrada por mim no 1º semestre de 2020, durante a pandemia de COVID-19 e, portanto, nos termos do Ensino Remoto Emergencial (ERE) instaurado pela UFMG. A proposta da disciplina era iniciar com a leitura de autores clássicos dos estudos de tradução literária e passar depois a um panorama histórico dos mesmos aqui no Brasil. Um dos tópicos do programa abordava a leitura de algumas entrevistas a tradutoras e tradutores e culminaria na realização, por parte das/dos estudantes, de entrevistas a tradutoras/es escolhidos possivelmente a partir do interesse de cada um.

Dessa atividade, resultaram sete entrevistas a tradutoras e tradutores com perfis variados, que constituem uma interessante contribuição aos estudos da história da tradução no Brasil, uma vez que buscam entender as ideias norteadoras de tradutores mais ou menos experientes, alguns deles também professores de tradução, outros que nunca se preocuparam com a teoria e outros que gostariam de aprofundar mais seus conhecimentos com relação a essa área de estudos. Todas as contribuições se revelaram ricas leituras formativas, e somos gratos a todos os entrevistados e a todas as entrevistadas, pela disponibilidade, atenção e sensibilidade com as quais aceitaram o convite e responderam às

perguntas e questões propostas, quer por e-mail, quer por videochamadas sucessivamente transcritas.

Os roteiros das entrevistas foram realizados a partir de uma preparação teórica baseada nos estudos realizados durante o curso de tradução, como também na leitura das principais contribuições sobre tradução já publicadas pelos entrevistados, de outras eventuais entrevistas com os mesmos já gravadas ou publicadas, de seus currículos etc. Tudo na busca de diálogos que pudessem levar a novas e originais contribuições, e que fossem ao mesmo tempo uma maneira de colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos pelos estudantes, ajudando no registro da evolução de conceitos sobre tradução a partir do “traduzir” e se propondo, ao mesmo tempo, como um espaço para dar visibilidade a novas práticas e realizações tradutórias, como no caso de projetos livres de tradução literária (especialmente de poesia), na Internet. Concluem cada entrevista as referências de textos e vídeos citados, seja na primeira parte – que apresenta a/o entrevistado/a e também algumas de suas principais publicações e/ou traduções – seja nas perguntas e respostas, com o intuito de facilitar a busca do material sobre tradução que possa interessar a eventuais leitores. Enfim, os títulos foram personalizados pelos estudantes diretamente envolvidos, que escolheram conceitos-chave que poderiam resumir os temas principais de cada contribuição, completando a formatação desse gênero de publicação, que pode ser considerada um artigo *sui generis*.

É importante salientar que as entrevistas com os tradutores sobre suas práticas e reflexões, a partir das mesmas, especialmente aqui no Brasil, constituem um conjunto de textos realmente interessante para os Estudos de Tradução, tendo um espaço central nos periódicos especializados na área, sobretudo na linha mais específica da história da tradução literária. Isso porque, ao se dedicar à pesquisa nesse campo de estudos, não se pode prescindir de afirmações como “A prática: é a teoria” e “A teoria: é a prática”, que Henri Meschonnic utilizou para intitular dois capítulos do seu livro *Poética do Traduzir*.¹

¹ MESCHONNIC, *Poétique du traduire*, 1999; *Poética do traduzir*, 2010.

Esta coletânea de entrevistas começa com uma conversa com Álvaro Faleiros, realizada por Douglas Francisco, Elisa Praes e Tauani Lavarini, na qual o professor da USP e tradutor fala sobre seu percurso de formação (as línguas que aprendeu, trabalhos e experiências que o influenciaram como tradutor profissional), sua trajetória de tradutor e autor de poesia, sem deixar de lado suas concepções teóricas, sendo que ele é também pesquisador e professor dos estudos da tradução. Considera *À flor do mal* o livro de poesia mais importante que ele escreveu, que seria, nas suas palavras, “uma tradução canibal” ou “um projeto de uma poética xamânica do traduzir”.

Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho foi entrevistado por Cássio Biz Morosini Filho e Lívia Elisa Lemos Melo. Professor de Latim da UFES, Raimundo Carvalho nos propicia, em suas respostas, reflexões ricas sobre a formação de um estudioso e tradutor de poesia latina. Ele fala sobre sua trajetória, da relação entre ser poeta e traduzir poesia, sobre sua poética da tradução, e a importância dos estudos acadêmicos para se tornar tradutor. Autor, entre outros, da antologia *Por que calar nossos amores? Poesia homoerótica latina*, Raimundo Carvalho é convidado, por Lívia e Cássio, a conversar sobre o sucesso obtido por essas traduções surgidas “em meio a essa grande farsa” política e “às vésperas do grande retrocesso social” que representariam as eleições iminentes.

Douglas Francisco, Elisa Praes e Tauani Lavarini entrevistaram também Christian Werner, mais um tradutor de clássicos, desta vez do grego, professor de Língua e Literatura Grega na USP, tradutor, entre outros, da *Odisséia* e da *Ilíada* de Homero. Ele é convidado a conversar também sobre a importância que teve, por ele, o conhecimento da língua alemã para ler ensaios sobre os clássicos gregos e as versões para essa língua. Werner não se considera um tradutor profissional e vê suas traduções “como forma de entender os textos gregos que [ele] estud[a] e como um auxílio à [sua] comunicação com os alunos em [seus] cursos” e acredita que ter “tradutores com diferentes percursos” dos mesmos textos poéticos é ótimo. Ele, ainda, conversa sobre suas traduções, o envelhecimento dos textos traduzidos e muitos outros aspectos da sua brilhante trajetória.

Na continuação sobre a tradução de textos gregos da Antiguidade, Gabriel Portella entrevista o professor da Faculdade de Letras da UFMG, Antonio Orlando de Oliveira Dourado Lopes. A primeira parte do diálogo é dedicada a obter informações sobre o percurso da sua formação, e o professor de grego mergulha nas suas lembranças, nos presenteando com preciosas reflexões e descrições de sua época de estudante, ressaltando sua paixão pelo estudo das línguas, que o acompanha ainda hoje. Conversa, entre outros assuntos, sobre a tradução de *Alcibíades*, um diálogo de Platão, no qual estava trabalhando contemporaneamente à entrevista, e dos projetos que tem para o futuro próximo, das dificuldades de traduzir do grego arcaico, das técnicas pessoais que desenvolveu durante seus trabalhos, juntamente às teorizações sobre tradução baseadas em suas práticas.

Saindo definitivamente dos tradutores ligados à academia, nossa coletânea de entrevistas passa a se dedicar a tradutores/as profissionais ou com projetos autônomos, além das publicações editoriais. A primeira conversa é com Diogo Rufatto, tradutor técnico e literário, além de ficcionista e poeta. A responsável pela entrevista é Milene Rocha Vieira, que iniciou com perguntas para entender o que levou Diogo a empreender, desde muito jovem, sua carreira de tradutor, especialmente técnico, mas com algumas experiências de tradução de livros infantis. No âmbito da tradução literária, ele se dedica, atualmente, mais à atividade de revisão e de preparação de textos editoriais. Nas suas respostas, Diogo expõe também suas concepções teóricas sobre a diferença entre traduções técnicas e “editoriais”, nascidas da prática, mas também dos estudos de Especialização e Pós-Graduação que ele realizou, especificamente sobre tradução.

Isabela Braga Lee entrevista a jornalista, poeta e tradutora Stephanie Borges, que nos conta o valioso percurso de sua jovem carreira – ou melhor, carreiras –, utilizando um estilo autobiográfico e literário. Descobrimos que a tradução está presente na sua profissão de jornalista e também nas atividades de leitora e escritora de poesia, e é a partir das muitas leituras de autoras desconhecidas no Brasil, que Stephanie decidiu começar a traduzir, especialmente, obras de autoras negras. Foi em 2015 que começou a se interessar mais especificamente pelo feminismo negro,

quando começou a ler e pesquisar textos de vários gêneros de autoras desse perfil, do ensaio à poesia, realizando um portfólio de traduções que depois propôs para as editoras com as quais já trabalhava. Stephanie Borges se interessa também pelos estudos teóricos sobre tradução, apesar de nunca ter realizado cursos específicos, adquirindo sozinha livros de autores de referência no Brasil para poder ler e enriquecer seus conhecimentos além da prática tradutória.

Conclui esta rica série de entrevistas, as que Clarice Maria de Jesus Macieira realiza, concomitantemente, com Camilla Felicori e Otávio Moraes. Otávio é um dos editores da revista on-line *Cupim*, enquanto Camilla faz parte do grupo *Redemoinho Traduções*, os dois vivem em Belo Horizonte e trabalham com tradução de forma independente do mercado. Eles falam sobre suas trajetórias acadêmicas, como se interessaram pela tradução, a última tradução que realizaram, além de tecerem comentários a respeito do mercado tradutório no Brasil e sobre a visibilidade e relevância da figura do tradutor em nosso país.

Boa leitura!

Referências

MESCHONNIC, H. *Poétique du traduire*. Paris: Verdier, 1999.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo, Perspectiva: 2010. 279 p.

Transmutar-se pela palavra, no corpo da palavra: Entrevista com Álvaro Faleiros

Douglas Francisco
Elisa Cordeiro Praes
Tauani Lavarini

Álvaro Faleiros é Doutor em Letras (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo (2003). É professor livre-docente de Literatura Francesa da USP, poeta e tradutor. Como crítico de tradução publicou recentemente *A retradução de poetas franceses no Brasil: de Lamartine a Prévert* (com Thiago Mattos; Rafael Copetti, 2018) e *Traduções canibais: uma poética xamânica do traduzir* (Cultura e Barbárie, 2019), também lançado na Colômbia com o título *Traducciones caníbales: una poética chamánica del traducir*, tradução de Carolina Villada Castro (coedição Editorial Universidad de Los Andes e Editorial Universidad de Antioquia). Como tradutor, publicou, entre outros, *Caligramas*, de Guillaume Apollinaire (Ateliê/UnB, 2008; 2019) e *Um lance de dados*, de Mallarmé (Ateliê, 2013; 2017). Seus mais recentes livros de poemas são *Caracol de nós* e *À flor do mal*, com ilustrações de Fernando Vilela, ambos publicados em 2018 pelo selo Demônio Negro.

PERGUNTA: Professor, você poderia nos contar um pouco sobre o seu percurso de formação: as línguas que você aprendeu, trabalhos, experiências que te influenciaram de maneira geral como tradutor profissional?

RESPOSTA: Nasci em 1972 no Chile, filho de brasileiros no exílio. Ou seja, já nasci em ambiente bilíngue. Com o golpe no Chile em 11 de setembro de 1973 deixamos o país como refugiados e fomos parar num refúgio da cruz vermelha na Holanda. Assim, aos dois anos de idade, já havia entrado em contato com muitas línguas. Seguimos vivendo como

refugiados até 1978, mas desde setembro de 1974 já no Canadá francês (Québec), país que nos acolheu e onde fui alfabetizado. Assim, as três mais importantes línguas que falo são todas latinas: português, espanhol e francês. Quando conheci o Brasil com a anistia em 1979, primeiro moramos em São Paulo e em seguida em João Pessoa e Brasília, o que me deu também a consciência de que os dialetos do brasileiro são muitos.

P: Quando você começou a traduzir efetivamente? Foi inicialmente poesia? O que te levava a traduzir? Você lembra quais foram os primeiros textos que traduziu?

R: Comecei a traduzir em 1990, quando estudava francês em Paris. Me apaixonei pela poesia francesa e traduzi poemas de Hugo e Apollinaire para tentar entendê-los, para que me pertencessem. Desde então não parei mais.

P: Qual foi o seu primeiro projeto de tradução profissional que foi publicado? Qual é a sua relação com as editoras de suas traduções no que diz respeito a revisões, edição, comentários etc.?

R: No último ano de minha graduação [em Ciências Sociais] na Unicamp, em 1994, fiz o curso de tradução francês-português com o professor Paulo Ottoni. Meu trabalho final da disciplina foi a tradução de várias quadras do Bestiário de Apollinaire. Naquele mesmo ano ganhei um prêmio de poesia da prefeitura de Campinas, o que me levou a procurar o Samuel León da editora Iluminuras para publicar o livro de poemas *Coágulos*. Falei pra ele do Apollinaire, ele se interessou e assim já fizemos os dois livros, que saíram em 1995 e 1997. Aí também aprendi duas coisas fundamentais: 1) um livro pode demorar vários anos para sair, mesmo depois de fechado o contrato; 2) ninguém traduz poesia por dinheiro. Descobri assim que, para ser tradutor de poesia, eu precisaria de outra profissão. Pensei na diplomacia e acabei virando professor. Desde então minha relação com editores tem sido tranquila, pois não tenho expectativas de ganhar dinheiro e já sei que os livros podem demorar anos para chegarem às prateleiras físicas e virtuais.

P: Há dois livros seus publicados recentemente, *Caracol de nós* e *À flor do mal*, com ilustrações de Fernando Vilela. Poderia nos falar um pouco a respeito? O título *À flor do mal* é uma dedicação aos poemas de Baudelaire?

R: O livro *À flor do Mal*, eu o considero o mais importante livro de poemas que escrevi. Ele é um ensaio que visa pôr em prática o que chamei no meu livro teórico “traduções canibais” de “poética xamânica do traduzir”; e que consiste, simplificando bastante, de transmutar-se pela palavra, no corpo da palavra, por isso o subtítulo “transpirações baudelairianas”. Nesse corpo a corpo com cada poema de *As flores do mal* (os títulos de meus poemas são os mesmos, ou quase, que os de Baudelaire), fui traduzindo-comentando, deslocando a dinâmica imaginal para o Brasil, substituindo, por exemplo, as referências ao mundo clássico greco-latino por regimes conceituais de imaginação ameríndios, ou ainda, chamando os “quadros parisienses” de “quadros brasilienses”, com tudo o que isso implica. Um grande companheiro que tive nessa viagem foi Gregório de Matos, seu sarcasmo dá o tom dos poemas mais políticos.

P: A experiência como tradutor influenciou sua poesia?

R: Acho que a resposta acima indica que sim! De fato, hoje, essas duas coisas andam juntas. Não acredito que a originalidade romântica seja hoje potente. Não raro os poetas contemporâneos operam produzindo relações com obras de outros períodos históricos. O desafio me parece ser conseguir produzir uma imagem densa por meio da invenção de poéticas transtemporais.

P: E a respeito da poesia de Baudelaire, quando você leu o primeiro poema dele e descobriu sua poesia? E como foi?

R: Foi em 1990, no curso de língua e civilização da Sorbonne que cursei por um ano. Foi o “Albatroz”. Achei-o simpático, mas à época estava mais interessado no teatro do Sartre, do Camus, do Genet. Na poesia francesa, as primeiras paixões foram Apollinaire e Éluard.

P: Já traduziu algum poema de Baudelaire? Qual acha o mais difícil? Ou o mais representativo da sua poética?

R: Traduzi *As Flores do mal* inteiras, transpirando-as. No geral, se comparado a outros poetas com que trabalho, Mallarmé e Valéry, Baudelaire é bem mais cristalino. Em relação à representatividade, ela depende do momento histórico. No final do século XIX, como bem aponta Antonio Candido, eram poemas como “A litania de Satã” que interessavam aos jovens poetas brasileiros, depois foi o Baudelaire das “*Correspondances*”... Há vários outros baudelaires, o de Walter Benjamin dos *Quadros parisienses*, por exemplo. Pessoalmente “Uma carniça” e “O cisne” são os poemas dele que mais me tocam.

P: Tem uma entrevista sua (2013) no canal da Univesp TV no YouTube sobre *As Flores do Mal*, de Baudelaire. Nessa entrevista você diz que tinha um projeto de tradução desse livro. Esse projeto ainda existe? É interessante que ali você destaca que, apesar das “apuradas traduções no nível formal dos poemas de Baudelaire, há ainda uma dimensão prosaica não explorada devidamente no alexandrino”.

R: Cheguei a traduzir em prosa poética os 50 primeiros poemas da edição de 1957, mas havia algo que me incomodava, uma certa autocomplacência por parte do sujeito da enunciação. Resolvi o problema transpirando Baudelaire em *À flor do mal*. Por enquanto é essa tradução xamânica que desejo compartilhar.

P: Falando sobre suas publicações, há uma sobre a poética xamânica do traduzir. De onde surgiu esse interesse por tal poética? Há aí algo de particular? Você se serve dessa poética ameríndia para explorar novas formas de traduzir?

R: Parte da pergunta está respondida acima. Vale ainda acrescentar que meu interesse pelas poéticas ameríndias provém inicialmente da experiência que tive de morar por dois anos, 1999 e 2000, no Amapá, trabalhando como assessor de cooperação internacional da Secretaria de Educação. Uma de minhas tarefas foi ajudar a implementar o francês na rede pública de ensino. Viajei de barco pelo estado visitando escolas e entrei em contato com indígenas Arauak. Fiz um grande amigo, Ruben Makosi, que é dessa etnia e é neto de xamã. Nessa ocasião também comecei a beber ayahuasca. Essa profunda experiência marcou minha

vida e, desde então, venho trabalhando para desocidentalizar meu próprio pensamento. Sigo assim estudando e criando a partir dessas matrizes também, com especial interesses pelas línguas do tronco pano [shipibo, marubo, kaxinawá...] e pelo guarani. Há por fim o fato de eu ter estudado Ciências Sociais. A descoberta das obras de Eduardo Viveiros de Castro e de Pedro Niemeyer Cesarino também foram fundamentais para o desenvolvimento desse pensamento.

P: Qual seria a relação com a teoria da transcrição de Haroldo de Campos?

R: A transcrição é a teoria fundamental na constituição do pensamento tradutório no Brasil e no mundo. Não poderia ter pensado o que penso sem ela. O problema que vejo é o excesso de centralidade que é dada à forma em detrimento de redes semânticas e imaginárias e, além disso, o excesso de reverência a Ezra Pound e sua concepção europeia de poesia. Acho que podemos hoje rever o paideuma que se associa a essa teoria da tradução. De todo modo, segue sendo referência incontornável e é matriz de grandes obras tradutórias há décadas, influenciando também pensadores como Antônio Risério e Josely Vianna Baptista, grandes tradutores de poéticas não-europeias.

P: Você traduziu Mallarmé, que dizem ser um poeta muito difícil, cujo sentido comunicativo soa “fechado”, “hermético”, que não chega ao leitor. Comenta-se na orelha do livro na edição da Ateliê das “sinuosas dobras” da tradução de Haroldo de Campos do poema “*Un coup de dés*”. O que a sua proposta de tradução destaca como soluções em nível macro e micro-estruturais relevantes em Mallarmé? Quais foram os maiores desafios? Foi o autor mais difícil que você traduziu?

R: A dificuldade é sempre relativa. Depende do que se almeja. Nesse sentido o que traduzi de mais “difícil” foram os *Feitiços [Charmes]*, de Paul Valéry, em parceria com o professor Roberto Zular, a sair em breve pela editora Iluminuras. No que concerne a tradução de Mallarmé, como “Um lance de dados” é um poema muito estudado, não é hoje mais tão difícil mapear as imagens ali em jogo. O grande desafio foi não deixá-lo mais hermético do que é. Quis, nesse sentido, fazer uma retradução mais

aderente ao texto de partida, em contraponto à poética neobarroca do Haroldo de Campos, tradutor de Mallarmé.

P: Walter Benjamin chega ele também a comentar a questão da intraduzibilidade da poesia, tendo como exemplo os poemas de Mallarmé. O poeta francês tinha um projeto utópico de construir um mundo de linguagem pura, tal como concebe Benjamin no seu famoso ensaio "A Tarefa do Tradutor". Tanto que de certa forma me parece que Benjamin não prezava tanto a receptividade do leitor. Mallarmé tinha até um projeto de criar um teatro assim, parece. Maeterlinck também tinha uma tendência parecida ao privilegiar uma linguagem reticente, o silêncio, os bonecos de cera e os fantoches, ao dizer que os atores humanos eram incapazes. Como você enxerga isso de "uma língua autônoma" e a dificuldade da poesia de Mallarmé?

R: É uma marca do tempo moderno produzir dentro de certa linhagem (como bem lembra Berardinelli há outra tradição, via Whitman, que leva a Allen Ginsberg e Bob Dylan) uma desreferencialização. Não sei se hoje esse modo de produzir poesia segue potente. Inclusive as leituras mais recentes de Mallarmé como a de Jacques Rancière ou de Jacques Brault destacam outros aspectos, mais políticos e biográficos do poeta. A autonomização da linguagem, mesmo assim, segue sendo um espaço importante de reflexão, como bem nota Franco Berardi em *Asfixia*. Ali o filósofo italiano nos lembra que a perda de lastro do dólar em 1972 é a produção de uma "economia autônoma" assim como ocorrera com a linguagem cem anos antes.

P: Segundo a sua experiência como leitor, tradutor, pesquisador, poeta e também professor, como você definiria esta "tarefa do tradutor"?

R: Acho que devemos defini-la em termos éticos. Se alguém acredita que pode traduzir qualquer coisa para pagar as contas, a tarefa é ganhar dinheiro. Se alguém pode se dar ao luxo de traduzir colocando-se como agente cultural, a tarefa é outra. Como professor ainda posso agir de acordo com a segunda perspectiva e, nesse sentido, minha tarefa é trans-ontologizar a circulação dos saberes.

P: Ao traduzir, você se vale de alguma metodologia? Para a tradução de poesia, é imprescindível partir do conceito de significante, como no livro *Poética da Tradução* (1993), de Mário Laranjeira?

R: Hoje o método que uso é muito simples. Primeiro faço uma tradução semântica. Vejo os caminhos das imagens, os desenhos da sintaxe do texto de partida. Depreendo uma forma desde aí, sempre tendo como baliza demarcatória, e não como fôrma, a rima e a métrica do original, quando é o caso.

P: Quais os teóricos da tradução que mais o influenciaram no seu trabalho de tradutor, crítico e professor de tradução?

R: Inicialmente meu grande mestre foi Mário Laranjeira que orientou meu doutorado, além dos irmãos Campos, é claro, que me formaram como leitor de poesia. Hoje quem mais me inspira é Ana Cristina Cesar, Antônio Risério e Josely Vianna Baptista. Entre os teóricos estrangeiros encontro em Henri Meschonnic, André Lefevere e Antoine Berman grandes fontes de inspiração, assim como nos filósofos François Jullien e Bárbara Cassin. Neste momento estou maravilhado com a monumental obra do teórico irlandês Michael Cronin — Estupendo!

P: O tradutor é de certa forma um recriador? Até que ponto o tradutor pode ser um recriador sem destruir a poética do Outro?

R: Destruir? Se imaginamos que um tradutor deve recuperar o poema original, ele corre o risco de estar sempre aquém. Prefiro pensar a tradução como convívio. Guimarães Rosa diz “traduzir é conviver”. Pensar a tradução como forma de vida é o que defende Maurício Mendonça Cardozo. Tradução como jogo, emenda Guilherme Gontijo Flores. E que a troca construtiva siga dando Frutos.

P: Em sua perspectiva, como enxerga a tradução de poesia hoje no Brasil? O que você poderia destacar? Há ainda uma tendência a se praticar uma tradução, em especial de poesia, pela forma?

R: Sim. O Brasil junto com os EUA são os países em que a tradução mais se atém à forma. É o que Cécile Serrurier chama de “metromania”. Isso

criou obras incríveis, mas também obnubilou o campo ao perder de vista com certa frequência a sintaxe e as imagens.

P: Poesia é traduzível? Há aí uma dimensão de traduzibilidade? Você concorda com a máxima de que somente “um poeta pode traduzir outro poeta”? O que você diria sobre haver sempre uma perda na tradução?

R: Poesia é espaço de invenção de mundos. De potencialização do possível. Traduzir, emular, transcriar, transpor, refazer... são formas eternas de nos relacionarmos com as palavras e depreender energia delas. Toda circulação de energia implica perda no caminho, mas se houver uma boa fonte receptora, é a energia que chega, ilumina e aquece que conta. Além disso, lembra Paul Éluard, somos todos poetas, logo, acrescento, somos também todos potencialmente tradutores de poesia. O que me parece fundamental é sermos acima de tudo bons leitores, leitores contumazes, sempre interessados em ampliar nossos regimes conceituais e não perder de vista a capacidade de imaginar.

P: Sobre a necessidade de retradução no Brasil, as traduções envelhecem? Tem um trabalho seu junto com Thiago Mattos a respeito da retradução de poetas franceses no Brasil sob a perspectiva de Antoine Berman. Poderia nos dizer a importância desse trabalho?

R: O Thiago Mattos é um grande pensador que tive a oportunidade de orientar no Mestrado e Doutorado. Aprendi muito com ele. Juntamos nossas reflexões nesse livro, que busca desde Berman (mas não só) pensar o espaço da retradução. Hoje me interessa mais por esse tipo de reflexão, que historiciza o gesto de traduzir ao invés de tratar o texto como um objeto estático descolado de contextos de enunciação.

P: Finalmente, quais dicas você daria a um iniciante na área de tradução literária?

R: Leia, leia, leia muito e, antes de traduzir, conheça a obra sobre a qual vai se debruçar, saiba onde ela se situa dentro da obra do autor, saboreie a obra desse autor, saiba como esse autor vem circulando e deixe que a forma a ser escolhida nasça do encontro.

Referências

- APOLLINAIRE, Guillaume. *Bestiário*. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2000.
- APOLLINAIRE, Guillaume. *Caligramas*. Introdução, organização, tradução e notas de Álvaro Faleiros. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial; Brasília: Editora UnB, 2019.
- APOLLINAIRE, Guillaume. *Coágulos / Guillaume Apollinaire*; tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 1995.
- BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. Tradução, introdução e notas de Jamil Mansur Haddad. São Paulo: Difel, 1958.
- BERARDI, Franco. *Asfixia: capitalismo financeiro e insurreição da linguagem*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- BENJAMIN, Walter. *Die Aufgabe des Übersetzers (1921)*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1980. Tradução de Susana Kampff Lages: A tarefa-renúncia do tradutor, p. 66- 81. Belo Horizonte: Viva Voz FALE/UFMG, 2009. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/site/e-livros/Tarefa%20do%20Tradutor,%20A%20-%20de%20Walter%20Benjamim.pdf>. Acesso em: 04 out. 2020.
- BENJAMIN, Walter. *Tableaux parisiens – Charles Baudelaire: Deutsche Übertragung mit einem Vorwort über die Aufgabe des Übersetzers von Walter Benjamin*. Heidelberg: Verlag von Richard Weissbach, 1923.
- FALEIROS, Álvaro. *À flor do mal*. Apresentação de Viviana Bosi. – São Paulo: V. de Moura Mendonça – Livros, 2018. (Selo Demônio negro).
- FALEIROS, Álvaro; Mattos, Thiago. *A retradução de poetas franceses no Brasil: de Lamartine a Prévert*. São Paulo: Rafael Copette Editor, 2017. (Série Retraduzir o poema, vol. 1; Coleção Transtextos ; v.3).
- FALEIROS, Álvaro. *Caracol de nós*. São Paulo: V. de Moura Mendonça – Livros, 2018. (Selo Demônio negro).
- FALEIROS, Álvaro. *Traduções canibais* (uma poética xamânica do traduzir). Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2019.
- LARANJEIRA, Mário. *Poética da Tradução*. São Paulo: Edusp, 2003, (Criação & Crítica, V. 12).
- MALLARMÉ, Stéphane. *Um Lance de Dados*. Introdução, organização e tradução de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2017.
- VALÉRY, Paul. *Cahiers II [Charmes (1922)]*. Bibliothèque de la Pléiade: Gallimard, 1974.

Um olhar sobre a prática do poeta-tradutor: Entrevista com Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho

Cássio Biz Morosini Filho
Lívia Elisa Lemos Melo

Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho é natural de Pirapora, Minas Gerais. Graduiu-se em Letras Português-Latim pela Universidade Federal de Minas Gerais, obteve o mestrado em Letras pela mesma universidade e o Doutorado em Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente, é Professor de Língua Latina na Universidade Federal do Espírito Santo. Sua produção acadêmica se concentra nas áreas de poesia e poética da tradução. Publicou cinco livros de poesia, entre eles *Circo Universal* (2000), que foi premiado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Além de poeta, é tradutor, tendo publicado, entre outros, a antologia *Por que calar nossos amores? Poesia homoerótica latina* (2017), que foi indicada ao prêmio Jabuti de tradução.

PERGUNTA: A sua última publicação de tradução foi *Filêmon e Báucis* (Metamorfoses VIII, 611-724), de Ovídio. Em seu comentário, você diz que “Não obstante a importância dessa cadeia de sentidos, essa história não permaneceria perpetuada na tradição, não fosse ela contada com a graça e a ironia de que só Ovídio é capaz. Por isso, procuramos em nossa tradução seguir os passos do autor, fazendo corresponder a cada hexâmetro do original um dodecassílado em português, ao mesmo tempo em que tentamos trazer para nossa língua algo do complexo jogo paronomásico do original latino”. Quais outros recursos você usou para manter o

equilíbrio no poema entre a forma e a “graça e ironia” características do poeta?

RESPOSTA: Quando se traduz poeticamente um poema, ou seja, quando, na tradução de um poema, não reduzimos a sua forma complexa e polifônica a uma prosa meramente restituidora de sentido único, é necessário estar atento tanto à potência da língua original quanto à da língua da tradução. O trabalho do tradutor é, primeiramente, esse: perceber os jogos de linguagem, suas figuras, o tom, a musicalidade e efeitos retóricos e expressivos do poema em sua forma original. De posse desse saber e desse aprendizado, o poeta-tradutor vai buscar em sua linguagem fazer corresponder efeitos análogos no poema em tradução. Em muitos momentos, a própria língua da tradução fornece ao tradutor os elementos necessários à elaboração do seu trabalho. Em outros, o tradutor força a língua da tradução a incorporar novos modos de expressão, oriundos da língua do original. Exemplo: em muitos momentos, preferi manter a ordem das palavras, imitando o original e produzindo hipérbatos, que, em princípio, podem parecer artificiais e, na verdade, são, pois também o são no poema original, já que a língua da poesia latina clássica difere bastante do latim falado.

P: Como tradutor, como se deu a sua trajetória? O que te levou a trilhar esse caminho e como foi esse processo?

R: Desde muito cedo me envolvi com a leitura e a escrita de poesia. Já nos tempos de aluno do ensino médio, tenho me valido da expressão poética para formular o meu pensamento e as minhas ideias sobre o mundo e registrar as minhas percepções sobre a vida e seus problemas. Fiz Graduação em Letras Português/Latim e Mestrado em Literatura Brasileira na UFMG. Desde que me tornei Professor de Latim na UFES, em 1993, orientei minhas pesquisas em direção à poesia clássica latina. Vi que a melhor forma para as desenvolver seria vinculá-las ao estudo e à prática da tradução. Percebi também que, no campo dos estudos clássicos, eram escassas as traduções poéticas, principalmente no que se refere à poesia latina. Do lado da poesia grega, a situação era um pouco melhor, face às boas traduções poéticas de Homero. Tal situação me levou a propor uma tese de Doutorado, que defendi em 1999, sobre as

Bucólicas de Virgílio, na qual, além de apresentar uma tradução poética própria, faço um estudo comparativo com as traduções poéticas existentes desse livro, ao mesmo tempo em que proponho uma reflexão sobre a poética da tradução.

P: Além de tradutor, você também é poeta. O que você pensa sobre essa relação? É necessário ser poeta para traduzir poesia?

R: Primeiramente, eu acredito que, para se ter uma experiência estética numa língua estrangeira, é preciso que se tenha tido antes uma experiência estética na própria língua materna. Então, é muito importante que o tradutor de poesia, principalmente, esteja familiarizado com as formas poéticas e com a linguagem da poesia em geral. Se precisa ou não ser poeta para ser tradutor de poesia, para o bem e para o mal, eu diria que sim. Tanto melhor se o tradutor já for um poeta experimentado, pois muito de sua prática poética poderá ser útil na confecção da tradução. Eventualmente, a sua tradução poderá adquirir características de sua obra autoral, redundando numa tradução que reduz o outro a si mesmo. O bom é quando há uma congenialidade entre ambos, e o poeta-tradutor consegue expressar-se a si mesmo e também deixar transparecer a alteridade do poeta traduzido, de tal forma que o comércio entre eles redunde em ganhos de novas formas para a poesia em seu novo contexto de recepção. Retornando à pergunta, eu faria uma pequena mudança na sua formulação, dizendo: É necessário ser poeta ao traduzir poesia? A resposta continua afirmativa, mas aqui, eu diria que, o tradutor, mesmo nunca tendo feito poesia autoral, pode sim, através do estudo e da aplicação dos conceitos, regras e procedimentos poéticos, estabelecer uma relação criativa com o poema a ser traduzido e, dessa forma, adquirir competência para realizar o seu trabalho a contento. Então, é preciso entender a figura do poeta não como um título adquirido e conferido pela comunidade de leitores, mas como uma habilidade e uma disposição intelectual e espiritual de processar uma experiência poética numa língua e transpô-la para um novo contexto cultural e linguístico.

P: Como você define a poética da sua tradução?

R: Quando traduzo poesia, procuro equilibrar o meu trabalho a partir de dois polos, ou seja, tento encontrar um ponto de confluência entre o tecido expressivo que tenho em mãos, na língua estrangeira e as possibilidades expressivas da minha língua materna. Para mim, a tradução guarda com o original uma relação ambígua, por ser, ao mesmo tempo, um texto derivado deste, mas que funciona de modo independente. Como tradutor, aprendo com o poeta do original muito de sua maneira própria de dizer e de se expressar, e, portanto, quando o traduzo, procuro deixar impressas as marcas dessa leitura. Por outro lado, assim como o poeta do original estava imerso no movimento interno de sua língua, também o poeta-tradutor tem à sua disposição toda uma série de sugestões sonoras e imagéticas que a sua própria língua impõe ou oferece. Portanto, o meu trabalho de tradução se equilibra entre "estrangeirizar" a língua portuguesa, testando novas formas e modos de expressão, mas também fazendo um uso ostensivo de recursos próprios dela para tornar familiar o que é, em princípio, estranho. Uma tradução completamente "estrangeirizante" produz um texto ilegível. Por outro lado, uma tradução que não contempla a alteridade pouco contribui para o comércio efetivo da poesia, que é uma arte, na qual a forma é um elemento semântico essencial no processo de significação.

P: Como o seu percurso acadêmico influencia suas traduções? O conhecimento acadêmico é indispensável para a tradução de literatura?

R: Traduzir literatura ou, em especial, poesia se constitui como um amplo processo de pesquisa. E isso não se aprende de um dia para o outro. É necessária uma formação acadêmica, quanto mais sólida melhor. No meu caso, como disse acima, a tradução surgiu, como possibilidade, justamente na última fase desse processo formativo. É claro que cada tradutor fará um percurso formativo particular, seja dentro da universidade, seja de modo pessoal e até mesmo como autodidata. O que é evidente para mim é que, para traduzir poesia, não basta saber uma língua estrangeira. É preciso conhecer a ciência poética em que se sustenta a obra a ser traduzida e, do mesmo modo, estar a par de toda a discussão que envolve a poesia em solo próprio. Além disso, é necessário também conhecer a

antiquíssima tradição de textos seminais sobre tradução, que, se não constitui propriamente uma teoria, revelam aquilo que Berman chama de o pensamento da tradução. Dentro dessa perspectiva, portanto, o que me atrai ao trabalho de tradução é que, para mim, a tradução se constituiu num método de pensamento, de conhecimento e de aprimoramento do meu saber linguístico e literário. Não há nada mais próximo ou mais íntimo do que traduzir. Traduzir é um modo muito ativo de pensar, de ler e de se relacionar com uma obra literária.

P: Em 2017, você foi um dos organizadores e tradutores da antologia *Por que calar nossos amores? Poesia homoerótica latina*. A obra trata dessa temática, que, segundo o texto de Ricardo Domeneck na própria contracapa do livro, é tão antiga quanto a literatura ocidental. Levando em consideração a onda de conservadorismo que assola o planeta, atingindo em cheio o Brasil, qual a importância de publicar esse livro?

R: Para responder a essa pergunta preciso retomar a gênese desse trabalho. Tudo começou no início dos anos 2000, quando tive como alunos, nos meus cursos de língua latina, Guilherme Gontijo e João Paulo Matedi. Depois de aprendidas as estruturas básicas da língua, eles se interessam em ler e traduzir Propércio e Tibulo, sob a minha orientação. Vendo o entusiasmo e o talento desses jovens estudantes, eu projetei que um dia haveríamos de publicar uma antologia que reunisse os principais poemas romanos clássicos de temática homoerótica. Eu havia observado que a tradição grega já tinha legado, ao menos, uma boa antologia com tal espécie de poemas, mas que não me constava existir uma para os romanos. Ainda que houvesse já estudos sobre o homoerotismo na literatura clássica, faltava uma reunião dos poemas latinos num único volume. Pelo que me consta, essa nossa é a primeira e única antologia de poemas homoeróticos latinos existentes em língua moderna. Que eu saiba não há nada similar em alemão, inglês, francês, italiano ou espanhol. Então, o meu primeiro interesse era mesmo o de fazer algo que ainda estava por ser feito no campo dos estudos clássicos e que eu considerava como útil e relevante para a nossa cultura literária. Eu já havia feito e publicado as *Bucólicas* de Virgílio, cuja segunda égloga é um texto paradigmático dessa temática. Li com os meus jovens alunos o *Livro de Catulo*, traduzido por

João Angelo Oliva Neto, que veio a se tornar um parceiro nosso no projeto e que nos cedeu as elegias a Jovino, de Catulo, e se propôs a traduzir tantos outros poemas de Marcial. Esse tempo de gestação da antologia correspondeu também ao tempo de formação dos jovens tradutores que dela participaram e revela o grau de amadurecimento de cada um deles, que contribuíram inquestionavelmente para a boa realização do projeto. Em 2017, portanto, quando o livro foi publicado, estávamos às vésperas do grande retrocesso social que representou a eleição de candidatos da extrema direita, tanto para o cargo máximo da república, quanto para importantes governos estaduais e o congresso nacional, a reboque do golpe jurídico-legislativo sofrido pelo governo popular de Dilma Rousseff e da perseguição jurídica sofrida pelo ex-presidente Lula, a mais importante liderança da esquerda latino-americana, depois de Fidel Castro. Junto com essa chusma de malfeitores, emergiram as mais negras figuras do neopentecostalismo que grassa entre as classes médias e baixas das periferias das grandes cidades, como a deputada Flordelis e outros tipos de pastores e cantores gospel de longa folha corrida no crime e na corrupção. São esses mesmos atores que querem impor à sociedade valores considerados tradicionais e conservadores, mas que são apenas a face cruel da homofobia e do racismo. A nossa antologia surgiu, portanto, em meio a essa grande farsa e obteve grande sucesso de público e de crítica, tendo sido resenhada favoravelmente pelos mais importantes cadernos culturais do Brasil. Nestes tempos sombrios, ela se constituiu num instrumento importante na luta contra a homofobia e na emancipação de toda a comunidade LGBT, ainda que, nos seus primórdios, meu único objetivo era fazer um belo livro de poemas homoeróticos em primorosa tradução poética.

P: Quanto a essa tradução em si, houve algum desafio específico em traduzir o erotismo de um tempo tão distante?

R: Bem, o fato de ser a expressão do erotismo de um tempo distante não foi em si um problema, mesmo porque toda a cultura literária posterior do Ocidente funda suas raízes no mundo greco-romano. Nos textos introdutórios abordamos as diferenças entre a mentalidade antiga e a moderna, no intuito de contextualizar os leitores dos poemas a respeito

de como os gregos e os romanos encaravam a homossexualidade, o que permite uma avaliação correta do fenômeno. Porém, a despeito das particularidades, o que sobressai é uma legítima manifestação estética do estado amoroso. E, nesse sentido, é bom que não confundamos erotismo com sexualidade. Erotismo é a vida mental dos amantes, principalmente quando distantes do objeto de seus desejos. Há o erotismo dos corpos, sem dúvida. Satisfeito, esse erotismo quase sempre se encerra na ação mesma desses corpos. Os poemas eróticos falam de uma falta, falam da saudade ou do abandono, sentimentos universais partilhados por todos aqueles que se deixam envolver na trama dos afetos, independentemente de sua orientação sexual ou da sua cultura. O desafio maior que desde o início encaramos como vital para o bom acabamento do nosso projeto foi o de fazer corresponder à forma artística do original uma forma artística na tradução. Não abrimos mão disso, mesmo naqueles textos em que foi difícil criar algo correspondente.

P: Existe alguma ideia ou teoria à qual você se filiava no início da sua carreira e que hoje já não considera mais tão importante? O que pode ter causado essa mudança?

R: Bem, uma mudança brusca e profunda não. Como já comecei a minha carreira de tradutor na fase madura de minha formação intelectual, posso dizer que venho trilhando um caminho quase reto desde o início até agora. No entanto, vejo que, na prática, venho refinando as minhas concepções e me abrindo sempre mais a novas possibilidades de agenciamento de uma tradução poética. Talvez, eu tenha hoje uma maior abertura para outros modos diferentes do meu traduzir e isso tem aberto para mim a possibilidade de exercer, de forma mais arejada, a crítica de traduções, coisa que faço, com muito gosto, em meus cursos de Pós-Graduação na Universidade Federal do Espírito Santo. Analisar traduções poéticas de um mesmo poema feitas por diferentes e experientes poetas-tradutores me permite perceber a riqueza e a complexidade de uma tarefa que nunca se encerra numa única realização. Cada tradução, quando bem realizada, apresenta pontos luminosos como se fossem clareiras na mata escura do original, ali onde a ambiguidade ou a deriva do sentido se instala. Perceber a variedade e a riqueza das traduções é um ganho que

venho perseguindo desde o início da minha trajetória de tradutor e que, com o tempo, se consolidou, a ponto de, às vezes, eu achar que fui um tanto quanto injusto, por exemplo, com Péricles Eugênio da Silva Ramos, poeta-tradutor que me antecedeu na tradução das Bucólicas e com quem rivalizei no ensaio introdutório à minha tradução.

P: Existem muitas crenças de senso comum sobre a tradução, como por exemplo, de que a tradução nunca será o original, mas outra coisa; que para tornar-se um bom tradutor basta talento, etc. Quais sentidos comuns você considera mais nocivos ao tradutor aprendiz?

R: Na verdade, a primeira crença referida é um pouco mais complexa. Por um lado, o senso comum quer nos fazer acreditar que a tradução nunca será melhor que o original, mas, por outro, ao invisibilizar a figura do tradutor e fazer o leitor acreditar que está lendo a obra de um grande autor chamado Kafka ou Dostoiévski, meio que naturaliza a tradução e faz passar uma coisa pela outra. É verdade que para ser um bom tradutor literário é preciso ter talento, mas esse talento só basta se ele for cultivado no aprendizado prático e no estudo do pensamento que envolve o traduzir. Falando em bom português: Não basta conhecer bem a língua estrangeira. Não basta levar jeito para traduzir. É necessário conhecimento amplo e habilidade para pesquisar o que não se sabe. Um bom tradutor precisa de muitas ferramentas de trabalho. A internet hoje facilita bastante a pesquisa, mas nem tudo é acessível. O senso comum se apresenta como evidência, como uma verdade cristalina e inata. Em qualquer campo do conhecimento, da cultura ou da arte, o aprendiz deve se despir desse “conhecimento” prévio e embarcar na aventura do desconhecido já trilhado e pensado por outros. Se ele se mantiver fiel às velhas crenças é porque acha que já sabe tudo e nada precisa aprender. Então, não é aprendiz de coisa alguma. Com esses não há diálogo possível. Geralmente esse tipo de mentalidade prática é um tipo de tradução que não aspira a ser arte, e sim uma pálida cópia de um original em língua estrangeira. Ok. Esse tipo de tradução existe e é até bem comum em produção editorial dirigida a leitores pouco exigentes.

P: O que você considera importante saber ao se considerar uma carreira em tradução literária?

R: Creio que uma formação ampla na área de ciências humanas, associada a um apetite de tudo querer saber, ao menos um pouco nos vários domínios da cultura, ou seja, uma curiosidade insaciável, é o ponto de partida para um bom encaminhamento nessa área. Ter um bom domínio da língua estrangeira e um ótimo da língua materna. Ter um bom conhecimento da sua própria literatura. Tudo isso é algo que não se adquire de um dia pro outro. O bom é saber que a prática intensiva da tradução, aliada à pesquisa e ao estudo das formas literárias e dos autores, vai gabaritando ao tradutor, dando a ele o alimento de que precisa para cumprir a contento a sua tarefa.

P: Em termos mais práticos, como se traduz o latim em 2020? Existe interesse do mercado nas produções dessa língua?

R: Começo respondendo a segunda indagação. O latim é a língua central na formação cultural do Ocidente. Muitos séculos depois do seu desaparecimento como língua viva, continua influente, em virtude das obras que nela foram produzidas e que se constituíram como modelos literários de tudo que de importante veio em seguida. Existe, portanto, um interesse crescente das editoras por boas traduções poéticas de obras clássicas. O que falta mesmo é um número maior de tradutores literários capazes de dar conta desta demanda. Fazer a tradução de uma obra clássica demanda tempo considerável. O que temos em termos de produção é praticamente fruto de pesquisas acadêmicas de Mestrado e Doutorado. Enfim, os programas de Pós-Graduação têm aberto as suas portas para projetos que envolvam a tradução literária. Essa é uma situação nova que vem se consolidando. Hoje, no campo dos estudos clássicos, a tradução literária tem ganhado relevo e disputado lugar com o que se convencionou chamar de tradução literal, apegada tão somente a princípios de natureza filológica. A vantagem desse processo de academização da tradução literária, nessa área, é que o tradutor não é só um aventureiro de talento a passear pelo jardim das musas, mas é também um conhecedor experiente das línguas antigas, muito consciente das questões culturais e das querelas filológicas relativas à tradição de leitura desses

textos. Geralmente, as boas traduções produzidas no contexto acadêmico da Pós-Graduação são bem recebidas no mercado editorial, têm boa vendagem para um público fiel e sempre em crescimento. Estas obras geralmente atraem pelo prestígio de que elas gozam, mesmo sem jamais terem sido lidas. Quanto à primeira indagação, é preciso dizer que traduzir uma obra da antiguidade romana é praticar um saudável e necessário anacronismo. É preciso dar ao leitor da tradução a sensação de que ele está lendo um texto antigo, mas, ao mesmo tempo, consciente de que se trata de um jogo literário, com seus artifícios e truques. Temos também em português vários classicismos. Ao traduzir Virgílio, fui buscar muitos elementos na poesia-tradução de Odorico Mendes, em Tomás Antônio Gonzaga, Fernando Pessoa, Drummond, na poesia parnasiana e também na poesia concreta. Tradução literária é um jogo de signos, um lance de dados. O meu Virgílio é ao mesmo tempo ele mesmo e todas as leituras poéticas que fundam o meu fazer tradutório.

P: Na sua opinião, quais são as perspectivas para o campo da tradução literária no Brasil?

R: Vejo com otimismo o futuro da tradução literária no Brasil e no mundo. Cada vez mais, temos acesso às várias tradições literárias que convivem no mesmo ciberespaço. A tradução tem se colocado como o campo adequado para o intercâmbio das formas literárias. Para a expansão da poesia, em particular, a tradução é instrumento crucial, pois, através da tradução de um poema, um novo poema se perfaz, seja ele a própria tradução, ou um poema novo, feito à base e a partir do processo tradutivo. Sob o ponto de vista social e econômico, é urgente que lutemos por um país mais justo, que valorize a cultura e a educação de seus cidadãos, e que, ao lado de uma justa distribuição de renda, se proceda também a uma justa distribuição dos bens culturais.

P: Quais conselhos você pode dar para os tradutores aprendizes em formação nas universidades?

R: Que estudem com afinco as línguas estrangeiras, que dominem o pensamento da tradução que vem se constituindo há séculos. E, caso optem

por traduzir textos literários, que o façam de maneira a não rebaixar o texto literário num texto qualquer.

P: Quais são os seus projetos para o futuro? Você tem trabalhado em alguma nova tradução?

R: Meu projeto existencial para um futuro que já está bem próximo é me dedicar completamente à tradução literária. Por enquanto, ainda dou aulas de Latim na Graduação e cursos teóricos sobre tradução e poesia na Pós-Graduação, junto com o trabalho de orientação. Meu grande projeto é terminar a tradução das *Metamorfoses* de Ovídio, que já vai se encaminhando para o último terço. Também acalento a ideia de fazer uma nova antologia da poesia lírica romana, apresentando os poetas e os poemas mais significativos de cada um. Espero poder realizar esse intento, convidando tradutores cuja formação orientei, ou, quiçá, apresentando de cada poeta, traduções de minha própria lavra.

Referências

CARVALHO, R. *Bucólicas de Virgílio: uma constelação de traduções*. 1999. Tese (Doutorado em Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CARVALHO, R. Filêmon e Báucis (Metamorfoses VIII, 611-724), de Ovídio. *Revista Texto Poético*, v. 15, n. 26, p. 182-190, 2019.

CARVALHO, R.; MOTA, I. L. B.; VARGAS, D. *Circo universal*. Belo Horizonte: Dimensão, 2000.

CARVALHO, R.; FLORES, G. G.; GOUVÊA JÚNIOR, M. M.; NETO, J. A. O. (orgs.). *Por que calar nossos amores? Poesia homoerótica latina*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

NETO, J. A. O. *Livro de Catulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1982.

Uma visão sobre a tradução de clássicos gregos: Entrevista com Christian Werner

Douglas Francisco
Elisa Cordeiro Praes
Tauani Lavarini

Christian Werner é professor de Língua e Literatura Grega na Universidade de São Paulo desde 2002, autor de *Memórias da Guerra de Tróia: a performance do passado épico na Odisseia de Homero* (Coimbra, 2018) e de uma tradução desse mesmo poema (São Paulo, 2014; 2. ed. 2018) e da *Ilíada* (São Paulo, 2018). Defendeu sua tese de livre-docência sobre a tradição épica arcaica grega em 2012. É líder do grupo de pesquisa “Gêneros poéticos na Grécia antiga: tradição e contexto” (CNPq/USP) e pesquisador dos grupos “Estudos sobre o Teatro Antigo” (CNPq/USP) e “Democracia: discursos gregos, desafios atuais” (CNPq/USP). Licenciado em Letras (Português e Grego) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1996), é Mestre (1999) e Doutor (2004) em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo; de 2009 e 2010, realizou estágio de Pós-Doutorado na Freie Universitaet Berlin e, em 2014, na Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg. Tem publicado e orientado trabalhos sobre a literatura grega arcaica e clássica, discutindo noções como gênero discursivo e literário, narrativa, herói, tradição e performance sobretudo na poesia épica e trágica. Também tem publicado sobre a recepção da tradição clássica na obra de João Guimarães Rosa e no cinema contemporâneo. Seu principal projeto de pesquisa atual se debruça sobre os discursos de Aquiles e a representação da guerra na *Ilíada*.

PERGUNTA: Professor, podemos começar falando sobre sua experiência no aprendizado de línguas? Você aprendeu alemão desde pequeno? Em que medida essas línguas influenciaram na sua formação de tradutor?

RESPOSTA: Alemão era a língua que eu mais ouvia e falava antes de entrar no jardim de infância. Mas isso talvez seja menos importante que o fato de que, quando comecei a ler traduções do grego antigo, usei tanto traduções alemãs (por causa dos livros de bolso baratos) quanto brasileiras (ainda pouca coisa feita diretamente do grego nos anos 1990). Isso contribuiu para eu buscar soluções de tradução fora da sintaxe tradicional do português.

P: Quando foi que você traduziu o seu primeiro texto ou poema? Você traduziu de qual língua? Quais foram as maiores dificuldades no início do aprendizado e das suas primeiras traduções de grego?

R: Não saberia dizer com precisão. Lembro de leituras de *Hölderlin* e de *Ésquilo* e Sófocles que eu comparava com algumas poucas traduções às quais tinha acesso – e chegava a uma conclusão, em parte ingênua, de que era impossível traduzir o que havia de mais poético em uma passagem. Eu nunca fiz uma disciplina sobre tradução e nunca li um livro técnico sobre o tema, de sorte que acho que só perdi certas ideias equivocadas do que é traduzir quando tive o privilégio de trabalhar com Maria Emília Bender na edição da minha tradução da *Odisseia* para a Cosac Naif.

P: Você acabou desenvolvendo uma metodologia de tradução? O que mais te ajuda na hora de traduzir?

R: Eu não sou um tradutor profissional. Eu sempre vi minhas traduções como forma de entender os textos gregos que eu estudo e como um auxílio à minha comunicação com os alunos em meus cursos. O que mais me ajuda são bons dicionários e bibliografia secundária em geral.

P: Com a sua experiência de ter várias traduções publicadas, como você encara a ideia de “tarefa do tradutor”? E concorda com o ensaio de Walter Benjamin, quando diz que não precisa ser escritor de poesia para traduzir textos poéticos?

R: Em virtudes dos textos que escolhi traduzir e das disciplinas que eu ministro na universidade, encaro minha “tarefa” como a de auxiliar no aumento do público leitor de alguns textos clássicos. Sobre tradução de textos poéticos, tradutores com diferentes percursos e interesses vão produzir diferentes tipos de tradução, o que é ótimo.

P: Como você enxerga a tradição ou a tendência de tradução de textos clássicos da Antiguidade no Brasil? Você acha que tem se alterado, por exemplo, de uma tradução mais próxima do original para uma mais livre sintaticamente?

R: Para tradutores vale a mesma coisa que para escritores: há aqueles que seguem paradigmas, e há aqueles que procuram desenvolver uma voz própria. Sempre houve tradutores dos dois tipos entre nós.

P: Qual foi o seu primeiro projeto de tradução publicado? Houve dificuldade?

R: Não, tive muita sorte, acho. Foram duas traduções do Eurípedes, tragédias, para a Martins Fontes. Eu estava no meio do Doutorado e o contato com a editora foi por intermédio de minha orientadora, Filomena Hirata.

P: Em suas traduções de Hesíodo, você comenta que o principal problema tem relação com os nomes das divindades gregas e que os principais critérios foram “o bom senso, o conhecimento do leitor e a sonoridade”. Você diria que é uma opção de tradução mais próxima do significado do texto original sem repousar tanto nas possibilidades do significante?

R: Essa é uma pergunta difícil. A forma fácil de responder seria o tradicional “sempre se perde algo em tradução”. A mais abreviada é de que não há como transmitir a experiência grega do politeísmo grego e sua reflexão por parte de Hesíodo em uma tradução. Quanto às possibilidades do significante, penso no que Godard tentou fazer com os deuses gregos em seu *O desprezo (Le Mépris)*, ou seja, a *Teogonia* mereceria uma tradução radical, experimental. Particularmente em relação a esse poema, por fim, vale o que respondi acima (pensando na “angústia da influência” do

Harold Bloom): a *Teogonia* tem um tradução “definitiva” em português, a de Jaa Torrano.

P: Além disso, nessas traduções você admite que algo se perde na tradução como “figuras etimológicas”. Poderia nos dizer um pouco sobre isso?

R: Acabou de ser publicado um livro inteiro sobre isso, *Hesiod’s verbal craft*, de A. Vergados (Oxford, 2020). Resumidamente, os dois poemas de Hesíodo o mostram como um autor que reflete sobre seu próprio meio, a linguagem. A *Teogonia* é um poema sobre a evolução do cosmos, sobre nascimentos e transformações, que se refletem nos próprios nomes das divindades: nos nomes inscreve-se uma evolução diacrônica.

P: Como você vê o conceito de tradução pela forma (isto é, o apuro formal, a métrica, a proximidade sintática, rítmica breve-longa) na tradução de textos da Antiguidade?

R: Com admiração e inveja (não sei traduzir dessa forma) – mas como uma forma entre outras, igualmente válidas.

P: Você acredita que existe uma temporalidade nas traduções de Homero e por isso é necessário retraduzir? Se sim, quais seriam os motivos para esse envelhecimento?

R: As traduções que mais rápido envelhecem são as epigonais, ou seja, não aquelas dos tradutores que tentaram achar sua própria voz. Homero contou histórias e usou uma linguagem que exerce apelo sobre pessoas com histórias e experiências muito distintas; traduções diferentes se aproximam mais ou menos dessas histórias e experiências.

P: Você tem duas publicações recentes pela editora Ubu/SESI-SP de suas traduções da *Ilíada* e da *Odisseia*, de Homero, as quais o professor e também tradutor Guilherme Gontijo Flores elogiou em um artigo da *Folha de S. Paulo* indicando que o seu trabalho tornou a “leitura da obra acessível”. Ali mesmo há um comentário seu em que você diz buscar conferir à obra “clareza, fluência e poeticidade, elementos fundamentais do original”. Você acha que as traduções publicadas em língua portuguesa até hoje de certa forma se afastaram de certos elementos de oralidade?

R: A linguagem de Homero não era cristalina nem para ele, Homero. Há palavras arcaicas por ele usadas cujo sentido já tinha se perdido para ele, mas que continuavam a produzir o que se chama de “distanciamento épico”. Outras ele glosava, ou seja, explicava na sequência de uma passagem. A clareza e fluência são antes de tudo sintáticas, e isso se reflete na forma como se organiza o verso. Isso, de fato, se perdeu em algumas traduções brasileiras.

P: Quais foram as principais dificuldades ao traduzir Homero? Por exemplo, qual a solução para os versos em hexâmetros datílicos? Foi dodecasílabo como outras traduções? Em um dos seus artigos você fala sobre traduzir fórmula e performance na linguagem homérica.

R: Eu estava convencido de que, para minha tradução funcionar melhor, certas fórmulas deveriam sempre ocupar a mesma posição no verso para contribuir com certa cadência e certo tom do poema como um todo. Mas isso traz consequências nem sempre benfazejas para a sintaxe do português.

P: Em sua versão da *Odisséia* (Cosac Naify), há um comentário seu (texto “Da Tradução”) na parte introdutória que diz que “todas as traduções são aproximativas”. Em que medida as traduções são aproximativas?

R: No sentido simples de que não há sinônimos perfeitos nem entre línguas próximas no tempo e no espaço, o que dirá entre culturas e épocas tão diversas como a grega arcaica e nossa.

P: Traduzir um autor e uma obra tão reconhecidos e tão importantes para a cultura ocidental são uma grande responsabilidade. Como você lida com isso? E qual o seu sentimento após a finalização e publicação de seu trabalho?

R: Meu dia a dia de pesquisador, orientador e professor tem como fundamento principal os textos que traduzo, ou seja, sempre de novo descubro coisas que podem ser corrigidas ou melhoradas na tradução.

P: Você tem algum projeto de tradução em andamento? Tem alguma obra/autor que ainda gostaria de traduzir?

R: Gostaria de achar uma forma de traduzir Píndaro que me satisfizesse, mas, para isso, talvez eu tivesse que me dedicar intensamente à leitura e ao estudo da poesia portuguesa e brasileira de uma forma que nunca fiz, e não creio que, no momento, eu conseguiria conciliar isso com minhas outras atividades.

P: Quais traduções você consideraria como os maiores desafios de sua carreira?

R: A de *Troianas*, de Eurípides, e a da *Odisseia*, pois foram em momentos em que eu estava assimilando o que fizeram outros tradutores e estava tentando achar minha própria forma de traduzir.

Referências

BLOOM, Harold. *The Anxiety of Influence: Theory of Poetry*. Nova York: Oxford University Press, 1973.

EURÍPIDES. *Duas tragédias gregas: Hécuba e Troianas*. Tradução e introdução de Christian Werner. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FLORES, Guilherme Gontijo. Análise: Tradução de Christian Werner da 'Odisseia' torna leitura acessível. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 08 de nov. 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1544778-analise-traducao-de-christian-werner-da-odisseia-torna-leitura-acessivel.shtml>. Acesso em: 20 de ago. de 2020.

HESÍODO. *Teogonia*. Tradução, introdução e notas de Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

HESÍODO. *Teogonia*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2001.

HESÍODO. *Trabalhos e os dias*. Tradução, introdução e notas de Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

HOMERO. *Iliada*. Tradução e ensaio introdutório de Christian Werner. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução e ensaio introdutório de Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução e ensaio introdutório de Christian Werner. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

LE MÉPRIS (O desprezo). Direção de Jean-Luc Godard. França/Itália, 1963 (102 min.).

VERGADOS, Athanassios. *Hesiod's verbal craft: studies in Hesiod's conception of language and its ancient reception*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

Por que traduzir literatura antiga?

Entrevista com Antonio Orlando de Oliveira Dourado Lopes

Gabriel Portella Carneiro

Antonio Orlando de Oliveira Dourado Lopes possui Graduação e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991 e 1996), Doutorado em Filosofia pela Université de Strasbourg (2009) e Pós-Doutorado em estudos clássicos junto à Brown University (2011-2012, 2013 e 2016-2017). Foi Secretário-geral da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos no ano de 1996. É Professor Associado e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (Pós-Lit) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Participa de dois grupos de pesquisa registrados no CNPq: "Núcleo de Estudos Antigos e Medievais" (UFMG) e "Gêneros poéticos na Grécia Antiga: tradição e contexto" (USP). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Arcaica e Clássica, atuando principalmente nos temas de literatura antiga, Homero, Hesíodo e filosofia antiga, com especial interesse por Platão. Sobre esses temas organizou volumes coletivos e publicou diversos artigos em periódicos científicos.

PERGUNTA: Antonio, de que forma sua trajetória profissional culminou em língua e literatura grega? Sei que você começou na Filosofia...

RESPOSTA: É. Bom, eu quando tinha 17 anos, sempre gostei muito de estudar, gostava muito de matemática, física também... Na verdade era o seguinte: eu estudava inglês em curso particular desde 9 anos de idade e francês desde os 11 anos de idade e continuei estudando junto com o colégio. Quando fiz dezessete anos eu ia fazer Engenharia

e um amigo meu falou “poxa, não tô vendo você muito entusiasmado com a Engenharia”, ele ia fazer Diplomacia, “quem sabe você não faz Diplomacia, que nem eu, porque você estuda muitas línguas”, eu já falava o inglês e o francês. Aí eu pensei um, dois dias e já me decidi que ia fazer Diplomacia. E Diplomacia você precisa ter dois anos de um curso superior, não precisa ter nem o diploma integral, e isso me deu grande liberdade. Eu entrei para a Economia, fiz um semestre. Por causa de uma greve, sempre tive muito interesse por História, fui fazer um curso intensivo de História, por causa dessa greve lá na Federal do Rio, gostei tanto do curso que mudei da Economia para a História, fiquei seis meses e comecei a estudar a História Antiga. Gostei tanto da História Antiga que eu mudei para a Filosofia. Me formei em Filosofia, de fato, com essa perspectiva do Itamaraty, de fazer Diplomacia, sempre estudando línguas. Aí eu estudava inglês, francês, grego antigo e alemão, mais ou menos. O meu alemão era médio, me lembro que na prova que eu fiz para entrar no Mestrado em Filosofia eu já lia um texto em alemão, mas com dificuldade, e o meu grego antigo começando. E seis meses depois de eu me formar na Graduação, apareceu o concurso aqui para a UFMG, e eu pensei em antes de ir para a Diplomacia, tentar dar aulas. Fiz o concurso e passei, com vinte e três anos, porque não precisava ter nem Mestrado na época, não tinha gente estudando nessa área. Então esse foi o meu percurso. Fiquei, abandonei essa coisa de Diplomacia, meu amigo que me aconselhou vai ser até embaixador, mas num certo momento eu gostava tanto de dar aula que não ia me preocupar com a Diplomacia, e depois eu não ia ser um Diplomata muito bem comportado, eu acho [risos]. Diplomacia é uma coisa que você tem que ser mais formal e eu poderia ser parcialmente formal. Tinha isso das línguas, mas eu não aguentaria tanta formalidade. Eu fui vendo que você vai se conhecendo ao longo da vida. Então foi esse percurso. Sempre gostei das línguas modernas. Primeiro, elas importam muito para você estudar o material didático das línguas antigas, você saber inglês, francês, alemão, te ajuda a ter acesso ao material didático. E segundo, as línguas também têm as suas literaturas, que eu amo, eu sou um grande leitor de poesia, sobretudo, e também de filosofia. Meu alemão depois melhorou muito e hoje em dia eu estou estudando Sânscrito. Eu estou aqui com o *Bhagavad Gita*, [mostra o livro] só

pra dar um exemplo. Então, esse é o meu percurso, desde os 9 anos de idade com o inglês. Engraçado que eu não via como uma profissão, isso é que é interessante, por isso eu achei que faria Engenharia e Economia, eu não via a língua como uma profissão, eu via a língua como uma abertura de horizontes, como uma visão de mundo, uma interlocução, como relação com a literatura, mas não profissionalmente, e por isso demorei a vir para a Letras, mas acabei vindo e tô muito feliz.

P: E qual foi o seu último trabalho de tradução? Lembro que já conversamos sobre o Alcibíades...

R: Pois é. Eu estou fazendo a tradução desse diálogo de Platão, que segundo alguns não é autêntico, mas de qualquer maneira é muito famoso, chamado *Alcibíades*, com um amigo que fez uma tese sobre esse diálogo, uma tese de Doutorado, então eu traduzo e ele coloca as notas, a gente vai fazendo essa parceria, ele tem muito mais familiaridade com a bibliografia. Na verdade, as minhas traduções até agora só publiquei nos meus artigos. Eu tenho a pretensão de traduzir Homero e Hesíodo e publicar, porque já estudo há muito tempo e já leio em grego há muito tempo. Já dei disciplinas de tradução, etc. Eu tenho longas passagens de Homero e Hesíodo já traduzidas. Eu vou traduzindo e elaborando um glossário meu pra que a minha tradução tenha uma homogeneidade, ou seja, eu vou fazendo um glossário em grego e coloco “tal palavra traduzir por tal, ou por tal palavra”, e assim, quando eu tiver dúvida, eu consulto esse glossário porque, sobretudo Homero, é gigantesco, então eu preciso de ter uma espécie de identidade enquanto tradutor. Essas traduções já estão saindo em artigos, né, estou escrevendo agora um artigo sobre Hércules na *Odisseia*, tem uma passagem do Canto VIII e, sobretudo, a principal passagem, do Canto XI da *Odisseia*, do verso 601 a 640. Então eu traduzi essas passagens e assim eu vou tendo os meus trechos da *Odisseia* que um dia eu vou completar e publicar inteiro. A minha questão é a seguinte: É muito cruel traduzir do grego arcaico. O vocabulário é muito específico, muito diferente do das línguas modernas, e, portanto eu demorei muito a ficar satisfeito com as minhas traduções, por isso que eu nunca traduzi uma obra inteira. Isso acabou me atrasando nessas publicações. E com a evolução das minhas pesquisas, eu fui chegando a

termos que me satisfazem, por isso eu falo desses glossários, tanto de filosofia, sobretudo Platão, quanto da poesia arcaica, sobretudo Homero e Hesíodo. Então eu já tenho um glossário meu, básico, que me satisfaz, que eu vejo como traduções razoavelmente satisfatórias. Durante muito tempo eu não conseguia chegar nisso. Qualquer coisa que eu fazia eu achava muito ruim, muito aquém do grego, e se eu traduzia uma palavra com um termo em português, vinha um sinônimo, aí eu não conseguia... Então eu não estava satisfeito, não estava à vontade com a situação de traduzir. Atualmente eu já estou, e aí é uma questão de tempo, né? Mas tem a ver, sobretudo, com a literatura arcaica, muito destoante do vocabulário moderno, então realmente demorou um tempo. E ler autores como Benveniste, o próprio Martin West, mais isso do que ler traduções, eu não sou muito leitor de traduções não, eu leio os textos das línguas que eu estudo no original, então não tenho muito contato com as traduções modernas que são feitas. Não costumo gostar muito [das traduções], na verdade, inclusive das brasileiras, embora haja profissionais muito competentes.

P: E como é o seu processo de tradução? Com quais ferramentas, se você segue alguma teoria ou teórico dos estudos da tradução...

R: Eu sigo as minhas teorias, que obviamente eu desenvolvo apoiado em alguns teóricos. Eu não tenho um teórico da tradução propriamente, porque eu acho que os grandes teóricos de tradução dos textos antigos, falo do grego e do latim, que eu conheço, e agora um pouco do sânscrito, mas pode valer também para o hebraico, o aramaico, o acádio, o hitita, essas línguas antigas que inclusive tiveram muita interlocução, muito intercâmbio, eu não sigo nenhum teórico porque não conheço nenhuma teoria muito abrangente de textos antigos. Os grandes teóricos são os práticos, aqueles que traduziram os textos, na minha opinião. E você tem estudiosos que fizeram trabalhos teóricos, por exemplo o que eu mencionei, o Benveniste, *O Vocabulário das Instituições Indo-europeias*, de 1969, então, ele é um autor que trabalhou muito com vocabulário criticamente, mostrando que é preciso organizar os campos semânticos da atividade, sobretudo da Grécia Antiga, mas trabalhando com as culturas indo-europeias, portanto Roma, Índia, Hititas etc., organizando diferentemente

esses campos semânticos. Quer dizer, as associações de ideias que formam o campo semântico das línguas modernas não funcionam para as línguas antigas. As ideias associadas pelas línguas antigas são outras.

P: Qual a sua experiência com traduzir línguas modernas?

R: Eu nunca traduzi nada que eu tenha publicado. Só, por exemplo, no artigo que eu publiquei sobre as Musas tem o começo de um trecho de um poema de Rilke, que é um dos meus poetas favoritos alemães. Reiner Maria Rilke, 1875, o ano em que ele nasceu, e morreu em 1926. O Rilke, inclusive, nasceu no mesmo dia que eu [risos]. Eu não sei se o fato de nascer no mesmo dia faz grande diferença, mas de qualquer maneira ele é um poeta que desde sempre eu amei. Eu fui ler as traduções que existem em português desse trecho que eu citei no meu artigo e não eram boas. Pra te dar um exemplo que me surpreendeu, o José Paulo Paes, que é um grande tradutor e um grande poeta, nesse mesmo trecho da Nona "Elegia de Duíno", do Rilke, tem uma hora que aparece a palavra *Bild*, que em alemão significa imagem, e na tradução do José Paulo Paes tá *alma*. Então você vê como são as coisas, eu fiquei impressionado [risos]. Não vou nem criticar, porque ele é um poeta, ele é um tradutor de muito refinamento, o José Paulo Paes, então não sei que espécie de associação de ideias ele fez para optar por isso, certamente ele sabe que a tradução dele não é literal. E traduzi agora com uma aluna que estuda o "Hino Homérico a Afrodite" um verbete do *Lexicográfico de Mitologia Clássica* sobre a iconografia de Afrodite. Tá em alemão esse verbete, essa é a grande enciclopédia sobre iconografia antiga, e como ela não sabe alemão e esse tema muito me interessa, eu traduzi junto com ela e gravamos a minha tradução do alemão desse verbete, que tem 20 páginas, sei lá, e a gente tá querendo publicar essa tradução, desse verbete, sobre as imagens de Afrodite, então essa é a minha experiência com o alemão. Então minha relação com as línguas modernas não foi tanto como tradutor. E eu gostaria de traduzir algumas coisas do alemão porque é uma língua menos conhecida e tem grandes especialistas de cultura grega, sobretudo o Karl Reinhardt, um estudioso fenomenal e muito pouco traduzido no Brasil, o Bruno Snell. Tem alguns alemães que eu acho que seriam uma boa contribuição para a área dos Estudos Clássicos no Brasil.

P: E como a tradução de uma língua antiga se difere da tradução de uma língua clássica?

R: Isso é muito importante. A relação com as línguas antigas é muito marcante. Eu penso, escrevo e pretendo algum dia publicar um estudo sobre isso. A questão é a seguinte: o Cristianismo, através do latim, marcou muito a cultura europeia, medieval e moderna, de modo que mesmo as línguas europeias que não são de origem latina... Elas, em geral... A minha opinião, como um leitor da área acadêmica, sem querer fechar o assunto de modo algum, é que mesmo as línguas que não são latinas são influenciadas pelo latim como língua científica e acadêmica, porque pensa só: Os romanos dominaram o mundo, fizeram o Império em torno do século I antes de Cristo e I depois de Cristo, e em torno do século V, o imperador Constantino assumiu o Cristianismo como religião oficial do Império Romano, então teve uma ida e vinda, mas a partir desse momento os cristãos deixaram de ser perseguidos e passaram a fazer parte da cúpula do governo, porque era a religião oficial. O Império Romano caiu e o Cristianismo se disseminou pela Europa. Então eu vejo essa influência do latim como língua culta e como língua técnica, tanto pelo conhecimento científico que, inclusive, os romanos divulgaram da Grécia em latim e disseminaram pela Europa através do Império e depois pela Igreja Católica, quanto pela teologia e pela própria moral católica, com seus valores, sua maneira de considerar o que é bom e o que é ruim, o que é divino, superior etc. Também impregnou muito as línguas europeias, mesmo as que não têm origem latina. Então você tem que pensar sobre isso quando você quer traduzir uma língua antiga. Isso vale pro egípcio, vale pro mesopotâmico, vale para todas as línguas, mesmo as mais antigas e remotas, ainda mais hoje em dia, que a gente relativiza tanto o eurocentrismo. Então eu penso muito nos valores cristãos, como desfazê-los na hora de traduzir um texto grego ou latino antigo, e penso muito nos valores científicos também, que se consolidaram ao longo dos séculos através da língua latina, porque até o começo do século XX você tinha gente escrevendo em latim na academia. No século XIX muito e no XX algumas exceções, mas você ainda encontra.

P: Então, ainda há muito o que traduzir.

R: Há muito o que traduzir! Por exemplo, quando você compra essa edição da *Odisseia* [mostra o livro], do Martin West, que é uma edição póstuma, ele morreu e a edição saiu depois da morte dele (ele já tinha acabado, obviamente, mas a edição não tinha saído), é de 2017 (ele morreu não sei se em 2015 ou 2016, acho que 2015), e ela tem uma introdução em latim, tá? Em 2017, não tô falando do século XX não, tô falando do século XXI! [Começa a ler o prefácio] “A *Ilíada* [ele traduz] que eu editei em três anos agora segue a *Odisseia* retratada com a mesma reflexão, o mesmo zelo.” Então o latim marcou a nossa ideia de argumentação, nossa ideia de análise, nossa ideia de rigor, a própria disposição... Sabe lá quantas coisas, que às vezes a gente nem se dá conta, mesmo um dinamarquês, eventualmente mesmo um japonês, um chinês, hoje segue certas normas que vieram através do latim. Ainda mais a gente, que é uma língua latina, a tendência é ainda maior. Então eu acho que essa análise desses 2000 anos desde o Império Romano, mesclado com a influência da Igreja Católica, e depois o Cristianismo depois da reforma por todo o mundo, não é a única influência, porque você tem o Islamismo a partir do século VI e VII, as religiões orientais e tudo mais, mas você tem nas línguas europeias uma marca do latim e do Cristianismo que é preciso compreender criticamente e, na medida do possível, desconstruir para chegar a uma fidelidade que possa realmente rejuvenescer o texto, porque têm muitas traduções antigas de grego e latim que deixavam o texto um pouco... sem vida, por causa da imposição de normas de compreensão, de valores, que eram europeus e não gregos e latinos.

P: Você diria que essa desconstrução do Cristianismo seria a maior dificuldade na tradução de uma língua antiga?

R: Bom, eu acho que, especificamente no caso do grego, que eu conheço mais, tem muitas dificuldades da própria língua grega pelo fato de que é uma língua que registrou a sua oralidade na literatura, e é uma literatura que é anterior à própria escrita para eles. A escrita grega é posterior à literatura, que era oral e muito viva, muito fértil, de modo que a escrita, através da qual hoje a gente resgata a literatura grega antiga, é muito precária em termos de resgate de sons, de métrica, de musicalidade. A

gente perdeu a notação musical, quer dizer, a gente conhece um pouco da notação musical, mas perdeu o registro das notações musicais dos poemas que a gente traduz. Então você tem uma dificuldade da língua grega por essa questão da oralidade, que não é igual com relação ao latim, porque no latim você tem o latim literário e o vulgar, então, diferentemente do grego, o latim que a gente encontra escrito nas obras literárias é mais formal, mais formalizado, padronizado, de modo que a gente não pode comparar a língua grega e a língua latina pelos textos literários, porque o texto grego é muito mais espontâneo e fiel ao grego falado, embora seja muito também formalizado em termos de estéticas, mas em termos de formatação da língua é um grego mais vivo do que o latim literário em relação ao grego falado na época dos autores, por exemplo no século de Augusto, em torno do primeiro século depois de Cristo. De modo que essa é a dificuldade que as próprias línguas trazem, o latim e o grego, você lidar com a oralidade, conseguir entender essa oralidade filtrada através de uma escrita precária em relação à língua e à vida da época, e ao mesmo tempo você, depois, filtrar as concepções que o latim, historicamente, através da igreja, do Catolicismo, do Cristianismo e da Ciência, acabou enrijecendo. Então é uma questão de conceitos que aquele livro do Benveniste que eu mencionei tenta desfazer, como outros autores. Se o Cristianismo é o maior desafio? É um grande desafio e é um desafio de que a gente talvez não tenha se dado conta ainda na sua totalidade. É um reflexo tão natural que a gente não se dá conta, mas é uma grande dificuldade com certeza.

P: Você já traduziu outros diálogos platônicos? Há alguma especificidade na tradução de filosofia que você possa comentar?

R: Sim. Sim, eu já traduzi, mas não publiquei ainda, *O Banquete*, eu dei uma disciplina que a gente foi traduzindo. Mas é aquilo que eu te falei, nem sempre eu traduzo, eu vou lendo em grego e vou escrevendo sobre, estudando... Já li de tudo, dou aula há muito tempo. Fatalmente eu tive que dar aula de muita coisa, e às vezes com dificuldade, mas foi um aprendizado muito gratificante. A filosofia, desde o princípio, ela procura conceitos de modos muito variados, de acordo com o autor, então você tem que ser mais atento à terminologia, à tradução terminológica,

ou seja, o rigor terminológico. Você quando traduz literatura, seja poesia, seja prosa, você pode, na minha concepção, ter uma certa “flutuação” na tradução de um mesmo termo. Não convém, mas acaba sendo necessário, porque, por exemplo: o adjetivo *deinós* em grego vem da raiz *dei-*, *des-*, que tá ligada a medo (*tó deima*, *tó deos*, significam medo, verbo *dédoika*, que só tem no perfeito, não tem no presente). *Deinós* significa aquilo que causa medo, terrível, assustador. Mas tinha um uso, que eu saiba no Período Clássico, não sei se já no Período Arcaico, mas pelo menos eu não conheço, segundo o qual esse termo significava, em certos contextos, “habilidoso”, “um artesão habilidoso”, “um sapateiro habilidoso”, “um arquiteto habilidoso” etc. Então como é que você vai encontrar um termo só, em português, ou numa língua moderna (estou aqui arriscando, pode ser que haja, mas que eu conheço, pelo menos, não encontrei), que traduza, em uma só palavra, esse termo em todas as suas ocorrências? Por exemplo, tem uma famosa passagem que é o primeiro estásimo da *Antígona* de Sófocles, esse termo “estásimo” é o canto do coro, muito comentado, que é quando o coro da *Antígona* começa falando: “Que coisa admirável é o homem...” e vai falando das conquistas científicas, do conhecimento que o ser humano teve, falando da matemática, astronomia etc. O termo grego aí é *deinós*. Então: “Que coisa *deinós* é o homem”. Porque tá falando tanto que o homem é habilidoso, que foi descobrindo conhecimentos, técnicas etc., quanto que o homem é assustador, porque nem sempre ele usa esses conhecimentos a seu favor. Sem falar que ele é, na natureza, o animal mais assassino. Hoje em dia, então, é uma calamidade. Então, pra você ver, não dá pra traduzir por um termo só, e esse é só um exemplo que eu te dei. Poderia dar vários. Esse problema é mais grave na filosofia do que na poesia. Eu acho que a poesia te dá essa margem, porque o contexto dramático facilita você a compreender outros aspectos do texto do que na filosofia, que é supostamente mais teórica, embora os diálogos de Platão sejam dramáticos também. Então essa é a questão: a poesia dá um pouco mais de flexibilidade, embora ela cobre no resultado final que você tenha a mesma beleza, o mesmo envolvimento. Se você não consegue manter a métrica do original, pelo menos que você consiga uma fluidez, uma elegância, uma leveza e todo aquele sentimento que você sente que tem

no original grego. A filosofia é menos uma questão de sentimento e mais uma questão de terminologia, uma questão conceitual. Então eu acho que é um desafio realmente muito grande. Mas as duas têm seu desafio. É até bom falar que você tem no Brasil toda essa tradição de herdeiros do Ezra Pound, que são muito influenciados por ele, sobretudo os irmãos Campos, Haroldo e Augusto, de tradução poética, também o efeito, seja com métrica seja com compensações, você perde uma rima, mas ganha outra, você perde um efeito de assonância, aliteração, mas ganha em outro... Quer dizer, você vai obtendo efeitos estéticos para que você tenha na tradução um exemplar que também seja sedutor, belo, como o original grego, ou pelo menos comparativamente com o original. Então é muito louvável essa consciência estética que essa linhagem de tradutores no Brasil tem cultivado. Muito louvável, muito admirável, mas é um desafio quase utópico.

P: No texto de Etienne Dolet, *A Maneira de Bem Traduzir uma Língua para a Outra*, ele comenta que “é preciso que o tradutor tenha conhecimento perfeito, por parte do tradutor, da língua do autor que ele traduz”. O que eu quero te perguntar é se é possível, e de que forma, ter um “conhecimento perfeito” de uma língua que a gente não tem nem registro oral?

R: Não é [risos]. Até hoje você tem passagens que são enigmáticas, você tem palavras que não são conhecidas propriamente, você tem muitos erros de tradução... Por exemplo, na minha tese de doutorado eu estudei duas raízes que são comumente traduzidas pelos adjetivos “fácil” e “difícil” do português. São duas raízes em cada uma das quais você tem, não só adjetivos, mas advérbios, verbos, substantivos. E eu estudei nos poemas homéricos o emprego de todos os termos derivados dessas raízes para propor uma interpretação ligada ao conceito de ação. Então eu levei muitos anos fazendo a minha tese, que é uma longa tese com pouco mais de 500 páginas. Foi uma aventura intelectual muito instigante e muito gratificante pra mim, mas eu vi quanta coisa que eu descobri por ter feito esse estudo concentrado, conhecimentos que eu não teria obtido se não tivesse dedicado tanto tempo. Então conhecer uma língua antiga com segurança... Tem grandes estudiosos, grandes nomes, o Martin West que eu acabei de comentar com você é um estudioso extraordinário, eu

sou um grande seguidor dele, entre outros, que com certeza são sumidades que às vezes a gente não entende como conseguiram conhecer tanto, mas conhecer perfeitamente talvez ninguém. Eu acho que tem até mais tolerância com as línguas antigas, os erros e as lacunas, porque você sabe que em Homero tem palavras que até hoje a gente não conhece, mas as pessoas traduzem a *Ilíada* inteira. Fazem por aproximação, por intuição, e não são criticadas por isso. Faz parte do tradutor da língua antiga saber que a tradução dele futuramente vai ser superada porque, possivelmente, algum conhecimento a mais vai surgir.

P: E falando na *Ilíada*: para um leigo que está começando a ler literatura grega e quer começar por Homero, tem alguma, ou algumas traduções que você recomende mais? Depende do público alvo?

R: Sim. Eu recomendaria mais as traduções que buscam a literalidade. No caso do português, a do Frederico Lourenço ou a do Christian Werner. Não que as outras não sejam muito boas, mas as outras têm propostas estéticas um pouco mais pretensiosas, ambiciosas. Sem crítica, elas são legítimas e louváveis, mas elas exigem do leitor um esforço muito grande para quem não conhece a obra. Então em uma releitura você poderia ler a do Trajano Vieira, a do Odorico Mendes, que é do final do século XIX... Mas inicialmente eu considero as mais literais a do Frederico Lourenço, do Christian Werner e também do Carlos Alberto Nunes. São todas boas traduções atuais, cada uma na sua época, e bem convidativas.

P: E o leitor precisa de paciência, não pode só “cair de paraquedas”.

R: Exatamente. E eu acho que, como eu sempre digo: A tradução é um cobertor curto, alguma parte do seu corpo vai ficar com frio. Entendeu? Não tem jeito, não adianta. Se você quer uma proposta com a métrica, você vai perder na literalidade. Se você quer literalidade, vai perder o efeito estético, e assim por diante.

P: E como é a demanda da tradução de latim e grego no Brasil e no mundo?

R: Às vezes, o mercado de trabalho pode ir além das editoras, porque você tem o uso técnico. Você pode ter alguma coisa em latim ou em

grego, mas é realmente raro. Agora, as editoras não têm propriamente uma grande demanda. Você tem algumas editoras como a editora 34, a editora Autêntica, que publicam coleções de obras da antiguidade clássica, mas não sei como é a situação deles contratarem um tradutor. Me parece mais comum, pelos tradutores que conheço, com quem já conversei, que eles fazem a tradução, ou pelo menos começam, apresentam a essas editoras e propõem um acordo para ver se elas se interessam que eles terminem a tradução para publicar.

P: E a demanda fora do meio editorial?

R: Fora do meio editorial é muito pequena. Isso de língua grega antiga, porque da moderna pode até ter alguma demanda para muitas situações ligadas à literatura moderna, trabalhos técnicos etc. Mas o grego antigo... acho que não tem. Talvez ligado à religião, mas aí não é tanto uma questão de tradução e é mais uma questão de professores que ensinam. No curso de Teologia para ver o Novo Testamento em grego, ou em latim, os autores religiosos, como Santo Agostinho, São Tomás, teólogos. Sempre na academia, nos cursos de formação e extensão. Fora isso não vejo nenhuma demanda de línguas antigas, não.

P: Você acha que na Europa talvez tenha uma demanda maior? As pessoas falam mais sobre isso? Já ouvi falar que eles estudam grego antigo e latim nas escolas...

R: É, isso foi mais disseminado. Eu sei que tem um pouco na França, mas acho que já foi mais comum. Sei que tem bastante na Itália e na Alemanha. Não sei se tem reduzido. Tenho a impressão de que na Itália deve ser um dos países em que isso é mais frequente, a opção do grego e do latim nas escolas. O que eu senti na minha experiência na França, quando eu morei lá pro Doutorado, é que é uma área mais reconhecida. O número pequeno de pessoas que se dedicam a ela não a desmerece. Eles sabem que é uma área tradicional, importante, ela compõe o repertório das ciências humanas, tem um papel chave na formação, mas o número de alunos não é muito grande nas universidades que eu frequentei. Mas você continua tendo profissionais se formando. Mantendo vivo, mas em algumas regiões com bastante precariedade, com muita

escassez de emprego para os novos profissionais e muita dificuldade de reunir grupos com um número minimamente representativo para formar turmas. Então as instituições querem promover, mas os alunos, porque a cultura moderna não incentiva tanto você estudar antiguidade, não têm mais tanto interesse como talvez há 50 anos.

P: De que maneira a sociedade contemporânea pode se beneficiar com a literatura antiga? Ou seja, por que traduzir literatura antiga?

R: Você pode dar dois tipos de resposta: uma é baseada na ideia da conservação. A conservação enquanto tal, ou seja, tem algo antigo que você conserva porque representa uma cultura, uma experiência coletiva... Por exemplo, você tem um vaso antigo que não é especialmente bonito, mas você conserva porque ele é antigo. Essa é uma resposta. Dentro dessa resposta tem uma possibilidade de que um dia alguém descubra uma utilidade ou uma beleza nesse objeto antigo que ainda não tinha sido notada. Então quando você conserva algo por conservar, você não tá conservando por necessariamente apenas conservar, você tá conservando também na esperança de descobrir um aprendizado que não tinha notado antes. Um aprendizado sobre beleza, utilidade, ciência, o que for. É lógico que o historiador que for especializado naquela cultura, naquela época, acha que aquele vaso tem um valor em si, e ele vai ter argumentos para sustentar essa ideia, mas não é esse o valor *a priori*. Você conserva as coisas porque acha que elas devem ser conservadas, porque destruir é ruim. E a outra resposta é que cada cultura pode ter tido sua contribuição a dar sobre a vida, sobre o conhecimento humano, sobre a experiência humana, então conservar os ensinamentos de uma cultura antiga, qualquer que seja, pode ser algo valioso em si, porque vale a pena sempre se perguntar o que essa cultura pode nos ensinar. Uma coisa é conservar por conservar, outra coisa é conservar com a expectativa de aprender, né? Mesmo quando você não aprendeu nada com uma cultura, você pode ainda manter a esperança de que virá a aprender, se você preservar o texto, os conhecimentos, os objetos. Especificamente no caso da Grécia, ela foi uma cultura muito inventiva, uma cultura muito artística, sobretudo pelo fato de ter cidades muito independentes que se recusaram a se unificar como um país, até Felipe da Macedônia conquistar e fazer isso,

faltou essa unidade que estimulava a pluralidade de culturas regionais entre as cidades, que concorriam. Você tinha concurso de teatro, concursos atléticos, concurso musical, então havia todo tipo de concorrência comercial. Essa concorrência foi um poderoso estímulo à inventividade da cultura grega. E a inventividade é decorrência da concorrência. Uma coisa é consequência da outra. A inventividade é decorrente da concorrência, e a concorrência alimenta e é decorrente da inventividade, porque uma cultura que tem seus valores não vai querer ser submetida, dominada pela outra. Ela quer preservar o seu jeito de ser, a sua maneira de ver o mundo. Isso é um estímulo a se manter independente. Então eu acho que a Grécia tem essa importante lição de liberdade, inventividade, ousadia. Uma lição que, eu diria, você vai encontrar em poucas culturas posteriormente. É uma questão de você estar sempre acreditando que o que você não aprendeu com uma cultura, você pode vir a descobrir. Então por isso que estudar línguas antigas é tão valioso e pode ser tão frutífero, mesmo após muitos anos de falta de aprendizado.

Referências

- BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-europeias*. Campinas: Editora Unicamp, 1975.
- DOLET, Etienne. A maneira de bem traduzir uma língua para a outra. In: FAVERI, Cláudia Borges de; TORRES, Marie-Hélène Catherine (orgs.). *Clássicos da teoria da tradução I*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2004. p. 15-21.
- COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE POESIA GREGA ARCAICA DO NEAM / UFMG: POESIA HEXAMÉTRICA, II, 2018, Belo Horizonte. [Congresso]. Belo Horizonte, 2018.
- DOURADO-LOPES, A. O. O. A Musa Calíope e a beleza do canto em Homero e em Hesíodo. *Nunt. Antiquus*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 13-60, 2019.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução e introdução de Christian Werner. São Paulo: Ubu editora, 2018.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Odorico Mendes. Campinas: Editora Unicamp, 2008.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução e prefácio de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução, prefácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2011.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Odorico Mendes, organização de Antônio Medina Rodrigues e prefácio de Haroldo de Campos. São Paulo: Ars Poetica / EDUSP, 2000.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução e introdução de Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução e prefácio de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução, prefácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2011.

RILKE, Rainer Maria. *Poemas*: Rainer Maria Rilke. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

WEST, Martin (ed.). *Odyssea*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110420234>. Acesso em: 12 nov. 2020.

Da tradução editorial à técnica: Entrevista com Diogo Rufatto

Milene Rocha Vieira

Diogo da Costa Rufatto nasceu em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, no ano da queda do Muro de Berlim. É Graduado em Letras pela Universidade de Passo Fundo, Pós-Graduado em Tradução do Inglês pela Universidade Estácio de Sá e em Escrita Criativa pela PUC-Minas. Sentindo-se um gaúcho não gaúcho, mudou-se para Belo Horizonte, Minas Gerais, e foi chamado de escritor mineiro não mineiro. Nesse espaço identitário, também cabem as profissões de revisor, tradutor e intérprete. Publicou o livro de poesia *Do pó* (2016) e sua sátira *Do pau* (2017) pelo selo Leme da editora Impressões de Minas, *O livro fúcsia – da linguagem tripartida* (contos, 2017) e *Exercícios de ser e não ser* (poesia, 2019) pela editora Urutau.

PERGUNTA: Queria começar perguntando um pouco mais sobre a sua formação como tradutor e porque você escolheu começar a traduzir.

RESPOSTA: Eu sou licenciado em Letras. Fiz Letras Licenciatura Português-Inglês na Universidade de Passo Fundo, que é uma universidade particular no interior do Rio Grande do Sul. Durante a Graduação eu não estudei tradução, não era um objetivo. Enfim, a minha ideia era dar aulas de inglês e continuar meus estudos etc. Mas eu acabei conseguindo um trabalho numa editora, chamada editora Cedi, ela já fechou, não existe mais. Não sei se ainda existe, na verdade, eu acho que não, mas ela não existe mais em BH. Com esse trabalho lá eu comecei a fazer revisão e tradução de livros infantis, principalmente. Com isso, eu fiz Pós-Graduação na então Universidade Gama Filho e eu comecei na

Gama Filho e no meio do caminho ela teve um problema com o MEC e virou Universidade Estácio de Sá. Eu sou Pós-Graduado em Tradução de Linguagens pela Universidade Estácio de Sá.

Comecei meio que com esses livros e minha irmã trabalha numa empresa grande, uma multinacional e um dia ela me passou e falou "ah, tenta traduzir aí, vou te passar, traduz uns documentos" eu traduzi e segui fazendo, assim. Eu fui aprendendo na prática e depois acabei fazendo esse curso, essa Pós-Graduação, então desde 2014 eu trabalho como *freelancer*, com tradução e revisão, interpretação etc.

P: Então você faz tanto traduções literárias quanto técnicas?

R: É, nesse primeiro período que eu trabalhei na editora, eu fazia mais editorial. Tem uma corrente que chama de literária, mas tem pessoas que dizem que literária restringe porque nem tudo que você traduz para uma editora é literatura. Você pode traduzir livros de não ficção e coisas assim. Então a gente acaba abrangendo como tradução editorial. Nessa época eu trabalhei mais com tradução editorial.

De 2014 até 2018 eu trabalhei muito mais com a tradução técnica. Principalmente no ano passado e neste eu voltei a fazer alguns trabalhos editoriais, mas não tradução em si, eu estou fazendo mais preparação de texto, revisão de tradução e revisão de prosa do que tradução em si. Eu trabalhei com tradução editorial com livros pequenos, livros curtos, para o público infantil. Ainda não me aventurei a um livro maior.

P: Você diria que a diferença é muito grande entre as traduções literárias e técnicas? Quais as diferenças que você sente?

R: A diferença é grande. Para ser um tradutor técnico, a tradução técnica envolve outras habilidades, do que a editorial. Claro que em ambas você tem que ter um conhecimento maior possível das duas línguas, a de chegada e a de partida, e muita curiosidade em pesquisar para descobrir coisas novas. Em resumo, elas têm em comum as duas coisas, mas eu acho que o domínio da linguagem é um pouco diferente. Quando você vai trabalhar com editorial, você tem em mente que existe uma questão estética no texto. Claro, pode ter livros editoriais que são técnicos também, mas vamos tentar focar aqui nessa diferença que existe entre

o mundo editorial, que você vai pegar textos que têm uma preocupação estética, e então você tem que, de alguma forma, dar conta das escolhas linguísticas, às vezes no período que é diferente do seu, nas escolhas formais daquele texto, e talvez no texto técnico elas não sejam tão necessárias assim. Não vou dizer que elas não estejam presentes também, elas estão, mas o objetivo de um texto mais técnico, em geral, e sobretudo, é transmitir informações. Então se você pegar o manual de uma máquina para traduzir a ideia daquilo ali, quem pegar este manual tem que entender como que essa máquina funciona, ele não precisa estar bonito, “bonito”, a estética nem sempre é bonita, não tem ali uma preocupação estética, mas se você pega um livro, mesmo que seja uma narrativa não tão complexa em termos de estética, mesmo que você vá traduzir um autor considerado pela crítica como um autor mais raso, mesmo assim tem uma preocupação estética e formal que você tem que considerar quando você vai fazer essa tradução.

P: Nas traduções técnicas, quais os programas que você costuma utilizar?

R: Eu já trabalhei com SCAT Tools, com o MemoQ e Trados Studio, principalmente, tem uma online que se chama XTM. WordFast eu já trabalhei pouquíssimas vezes. Eu cheguei a trabalhar com uma ou outra, mas esporadicamente, e existe uma ferramenta que eu já trabalhei algumas vezes, mas essa, pouco, que eu trabalhei apenas com uma versão gratuita do XBench, que é uma ferramenta de controle de qualidade. E é claro que você também vai trabalhar com o Word, leitor de pdf, para converter pdf em doc, que não são específicas da tradução, mas envolve.

P: Existe uma rede de colaboração de tradutores da qual você participa, e se sim, como ela funciona?

R: Eu acho que a minha rede, ela é formada mais por amigos e colegas mais próximos, pessoas que foram meus colegas na Pós-Graduação, com quem eu mantenho contato e que acabam formando uma rede profissional também, porque às vezes a gente passa trabalho um para o outro quando alguém não pode pegar, e de outros cursos que eu fiz que eu tenho contato e “ah, eu conheço o Diogo que traduz e revisa”, então é uma rede assim.

Eu não sou associado em nenhuma associação ou sindicato, existe o Sindicato dos Tradutores e a Associação Brasileira dos Tradutores, mas eu nunca fui atrás para me associar. Eu até faço parte de alguns grupos no Facebook, mas eu não sou muito ativo nesses grupos, nessas redes, as utilizo às vezes quando quero pesquisar algum assunto ou se estou com alguma dúvida e quero ajuda de colegas, eu entro nos grupos e tem muito material para pesquisa, para estudo, mas eu não sou muito ativo pra ficar participando das discussões. Eu participo de um grupo de revisão, que agora está no Telegram, mas de vez em quando.

P: Quais são as dificuldades que você diria do início do trabalho como tradutor *versus* escritor, ou se algum dos dois foi mais fácil para você?

R: Eu acho, vou pensar um pouquinho, o início do meu trabalho como tradutor foi meio por acaso, não foi algo que eu quis ser desde sempre e que eu busquei, não foi o objetivo que eu tracei lá atrás, a profissão meio que me escolheu mais do que eu escolhi a profissão. A primeira dificuldade é conseguir os seus primeiros trabalhos, principalmente quando se é jovem. Agora eu não sou assim tão jovem, mas quando eu comecei, com 21 anos, a me lançar profissionalmente como tradutor, eu sentia um pouco de “por que eu vou confiar esse texto a alguém tão inexperiente?”, e aí eu acho que a coisa legal pra se fazer é conseguir fazer o máximo de cursos que você puder, seja na área técnica, seja na área editorial. Aumentar o seu portfólio de cursos, porque isso também aumenta sua rede de contatos, e aí tentar enfiar dez currículos por dia para agência, editora, ou quem for, e sabendo que você vai ter uma resposta, duas, e também vai ter que fazer testes e cavar esse espaço inicialmente.

Não é uma área absolutamente fechada, mas também não é uma área que você simplesmente consegue chegar e trabalhar, é uma área que demanda um esforço, e se você tiver alguém que possa te passar um trabalho, como minha irmã acabou passando, é um bom ponto de entrada, às vezes em alguma empresa você consegue alguma coisa nesse estilo e aí sim, você tem que fazer tudo que estiver no seu alcance e até mais um pouco do que você acha que está no seu alcance para entregar um trabalho muito bom, porque é assim que você vai construindo uma rede,

e vai construindo um nome, para as pessoas confiarem que você vai fazer um bom trabalho.

A segunda parte da pergunta era comparando com o meu trabalho de escritor, não foi isso? Pra mim eu acho que foi mais difícil o meu trabalho de escritor por uma questão emocional. Era mais fácil eu ser tradutor, porque sendo tradutor o texto não era 100% meu, essa questão dá muito pano pra manga pra gente entrar numa discussão sobre autoria, mas acho que não é o nosso objetivo aqui porque ela é uma discussão imensa, mas a minha sensação era que eu gostava. Sempre li muito, e sempre fui elogiado, realmente desde criança eu sempre fui muito elogiado sobre a minha habilidade com texto, de escrever, mas aí a tradução me permitia trabalhar com o texto dos outros. Agora o meu texto, eu escrevo desde adolescente, dezesseis, dezessete anos, mas era aquela escrita secreta que você não quer mostrar pra ninguém, então este processo de eu conseguir começar a mostrar para as pessoas e conseguir olhar para o meu texto e me nomear escritor foi mais complexo do que me nomear um tradutor, embora as coisas ainda oscilem, às vezes. Às vezes eu tenho crises de que não quero mais traduzir, não sou bom o suficiente para traduzir, ou com o trabalho da escrita, não sei porque eu escrevo, vou parar e nunca mais eu vou escrever. Essas coisas acontecem, então, para mim, bem subjetivamente, eu achei mais complexo ser escritor, mas acho que isso varia. Não tem uma resposta padrão.

P: Você mencionou que traduziu obras infantis, eu queria saber se você acha mais difícil quando você tem esse público-alvo específico para a tradução ou se na verdade cuidados são necessários com qualquer público-alvo?

R: Eu acho que é necessário você ter uma noção do seu público-alvo. Isso na verdade é um elemento que ajuda, que facilita, porque se alguém te passar um livro para traduzir e não te disser para quem é aquele livro, fica mais complicado você pensar nas escolhas, na hora de escolher que linguagem utilizar é mais difícil. Imagina se você recebe um livro para traduzir sobre as mudanças climáticas, é bom você ter uma conversa inicial e falar assim, poxa, esse livro sobre mudanças climáticas é voltado para quem? Para pesquisadores, para cientistas ou é para o público em

geral? Obviamente, não. Provavelmente, o texto vai trazer alguns indícios disso, antes de começar o trabalho. Ele está voltado para quem? está usando uma linguagem formal, menos formal? Mas se você tiver uma noção, isso vai te ajudar a pensar nas suas escolhas, e eu acho que existe uma coisa que as editoras, às vezes, elas têm uma diferença. Se o livro foi publicado nos Estados Unidos para um determinado público, a editora pode querer publicar aqui no Brasil tentando achar um outro público, que não é necessariamente o mesmo público dos Estados Unidos, então você tem que ter uma ideia de para quem esse livro vai se dirigir. É a mesma coisa quando você está escrevendo uma obra, você pode utilizar essa questão do seu leitor alvo para decidir que tipo de texto você vai fazer. O meu trabalho como escritor não visa ser um sucesso de vendas, não é uma coisa que eu me preocupe, mas você pode sentar e dizer, "eu quero ser um sucesso de vendas, o que que eu faço?", aí você vai bolar estratégias para tentar fazer isso. Realmente para traduzir é importante você ter noção do seu público, de quem vai ler.

P: Você crê ser um tradutor melhor por também ser escritor e poeta?

R: Eu acho que uma coisa vai complementando a outra. Eu acho que quando eu comecei a traduzir eu comecei a prestar mais atenção na estrutura do texto, em como o texto foi construído, o que também me ajudou a ser um escritor melhor. Eu acho que as coisas são complementares, uma coisa ajuda a outra. Mas com essa minha fala eu não quero dizer que se você não for um escritor você não pode ser um tradutor. Mas eu acho que a tradução editorial exige um certo traquejo com a escrita, eu acho que alguns tradutores podem ser excelentes tradutores técnicos e não conseguirem dar conta de uma linguagem mais literária, mais estética. É um domínio mais específico, eu acredito que você pode ser um tradutor técnico que não vai conseguir se aventurar nas [traduções] editoriais, e a mesma coisa o contrário, você pode ser um excelente tradutor de livros, de ficção e você pegar um contrato e não conseguir fazer, dar conta de traduzir aquele contrato. Mas as duas atuações, como escritor e tradutor, elas só complementam. Mas também eu acho que a gente tem que ter o cuidado para não cair no conto, na armadilha de você querer ser muito autor daquilo que você está traduzindo, eu acho que aí pode

ficar um pouco complicado, mas também é uma possibilidade. Mas eu acho legal, uma coisa que eu gosto muito quando eu vou ler um livro que foi traduzido é quando o tradutor tem um espaço para apresentar as estratégias que foram usadas para traduzir aquele livro, um prefácio, uma coisa assim, uma apresentação, em que o tradutor fala, aí eu vejo até a possibilidade de alguém se colocar aí nesse texto e explicar, “o que eu fiz foi um trabalho de recriação”. Aí eu sei, como leitor, no que eu estou me aventurando, uma recriação da obra. Mas se você fizer uma recriação muito distante do texto, do estilo de quem escreveu este texto originalmente e não avisar isso, eu acho um pouco de sacanagem com o leitor.

P: Você traduz de outras línguas além do inglês?

R: Já traduzi algumas vezes do francês, mas não é uma língua que eu domine tanto. Só esporadicamente eu já fiz alguns trabalhos, e do espanhol eu acho que nunca, que são duas línguas que eu conheço. Assim, não sou fluente nelas, mas eu conheço.

P: Você pretende continuar atuando tanto como tradutor quanto como escritor, ou existe um planejamento de dar enfoque a um dos dois no futuro?

R: O planejamento é seguir nos dois, até porque, escritor, não sei nem se dá pra chamar de profissão. Ser escritor é uma coisa que você pode chamar de profissão pelo lado em que você se coloca como profissional, mas ela não é uma profissão que traga um retorno financeiro. Ser escritor de ficção e poeta não traz sustento. Então você tem que arrumar outras formas de pagar as contas. Então eu pretendo seguir com revisão, tradução, preparação de textos, e meu objetivo mais palpável no momento é fazer uma formação como intérprete de conferência. Outro ramo, assim, outra possibilidade.

P: Qual foi seu último projeto de tradução, e se tem algum que está acontecendo no momento.

R: Tenho um pra acontecer nos próximos dias que eu ainda estou pra receber as informações, então nem posso falar muito porque ainda não sei. Mas acho que meu último de tradução foi uma revista para a empresa

Telemont, eu traduzi a revista institucional deles para o inglês, do português para o inglês.

P: Qual o seu autor estrangeiro preferido, e qual você gostaria de traduzir?

R: Preferido? Eu não sei, assim, eu não sei falar de preferido. Eu sempre me embanano com essas perguntas. Eu vou nomear aqui, eu vou dizer um que eu estou trabalhando no momento, eu não estou fazendo tradução, eu estou fazendo preparação de uma coletânea de textos do Edgar Allan Poe, que é um autor que eu gosto. Bastante. Então está sendo bem legal fazer esse trabalho com o texto. E autor com quem eu queira trabalhar, eu não sei, também não sei dizer. Não sei citar mesmo.

P: Eu vi que você está fazendo uma Pós-Graduação em escrita criativa, e eu acho que você já respondeu um pouco sobre isso, mas você crê que isso contribui pro seu trabalho como tradutor?

R: Com certeza. Na verdade, eu concluí ela agora em setembro. Ela foi concluída e, com certeza, eu acho que um curso de escrita criativa tem a contribuir com quem trabalha com texto e com criatividade em geral. Talvez eu até me contradiga um pouco quando eu digo que ela contribui até para quem trabalha com traduções técnicas com textos mais técnicos, porque são estratégias para você conseguir abrir sua cabeça pra criatividade. O trabalho de tradução sempre vai ser um trabalho criativo, você está criando alguma coisa. O próprio trabalho de revisão tem lá sua criatividade. Você também está trabalhando com um material que você vai mexer criativamente. Então com certeza, eu acho que sim, mesmo que você não queira ser um autor de ficção, se você escreve, vale à pena fazer um curso de escrita criativa, ou uma oficina, pode ser um curso mais curto, algo assim.

P: E, por fim, eu gostaria de saber se depois de estudar a teoria, se você mudou muito a sua forma de traduzir, e se algum teórico específico vem à sua mente e por quê.

R: Sim, eu acho que estudar a teoria é muito importante também. Como eu disse, eu comecei meio sem muito estudo, eu fui fazendo, você vai apalpando as coisas, vão surgindo as dificuldades e você vai dando um

jeito de solucionar aquilo. Se você estuda teoria previamente, no mínimo você já tem uma ideia de como você vai abordar aquilo. Quando a questão surgir de alguma forma, você já vai ter pensado sobre aquilo. O que aconteceu comigo foi que eu comecei a pensar sobre as coisas quando elas foram aparecendo pra mim.

Um autor que eu gosto e que teorizou sobre a questão foi o André Lefevere, porque tem um livro que eu gosto muito que é *Tradução, Reescrita e Manipulação da Fama Literária*, acho que é esse o nome. Ele trabalha com questões que envolvem, não exatamente a tradução em si, mas o entorno da tradução, uma parte mais política do que acontece com a tradução, quem que escolhe o que vai ser traduzido, o que vai ser importado, o que vai ser exportado, existe uma política por trás dessas questões, quem faz a edição dos textos, quem faz uma obra continuar circulando. É como eu falei agora, eu estou trabalhando na preparação de um livro de coletâneas do Edgar Allan Poe, um autor do século XIX, não estou lembrado exatamente o ano que ele nasceu e morreu, mas que continua sendo traduzido e continua sendo vendido, há uma escolha de fazer com que ele esteja em circulação, enquanto outros autores foram preteridos.

Estamos vivendo um momento muito legal agora no mundo que é “descobrir”, mas assim, o mundo está lendo autores da África, por exemplo. Durante muito tempo eles pareciam que não existiam. A gente achava que não existiam, mas eles existiam. Se for pensar que aqui no Brasil a gente está vendo uma retomada de mulheres que escreveram no início do século passado, que não têm espaço. É interessante que essas mulheres também sejam traduzidas e oferecidas para o resto do mundo. A gente não é só o Brasil do Jorge Amado e Paulo Coelho, que são dois autores brasileiros que são muito traduzidos no exterior. Eu gostei muito desse livro do André Lefevere, é um livro que eu gosto de citar e gosto de indicar, porque ele estuda essas questões, e foge um pouco da teoria da tradução em si. E uma última colocação, talvez, uma coisa que eu percebo e me incomoda um pouco, talvez, é que há teóricos da tradução que não traduzem, há um distanciamento muito grande às vezes.

Vou citar outro autor agora que eu lembrei que é o Paulo Henriques Britto, que eu acho que faz um trabalho muito legal e ele traduz. Ou seja, ele

vai falar de um ponto de vista que não é puramente acadêmico e tem questões práticas que, às vezes, quem só fica na academia... eu sei que vocês estão na academia, não quero com essa minha fala dizer que não é importante, é uma crítica construtiva, você só teorizar e não praticar alguma coisa é problemático.

Referências

LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

RUFATTO, Diogo da Costa. *O livro fúcsia – da linguagem tripartida*. São Paulo: Urutau, 2017.

RUFATTO, Diogo da Costa. *Exercícios de ser e não ser*. São Paulo: Urutau, 2019.

RUFATTO, Diogo da Costa. *Do Pó*. Belo Horizonte: Leme, 2016.

RUFATTO, Diogo da Costa. *Do Pau*. Belo Horizonte: Leme, 2017.

Confluências entre tradução e outras práticas: Entrevista com Stephanie Borges

Isabela Braga Lee

Stephanie Borges (nascida no Rio em 1984) é jornalista, poeta e tradutora. Publicou poemas nas revistas *Escamandro*, *Ruído manifesto*, *Garupa* e *Pessoa*. Seu primeiro livro, *Talvez precisemos de um nome para isto*, uma reflexão sobre a subjetividade da mulher negra a partir de reflexões sobre seus cabelos, foi ganhador do Prêmio Cepe Nacional de Literatura de 2018 na categoria Poesia. Traduziu ensaios e poesia de bell hooks, Claudia Rankine e Audre Lorde, além do romance *Um outro Brooklyn* (2020), de Jacqueline Woodson. Nessa entrevista, que nós fizemos por videochamada, ela fala sobre sua trajetória profissional enquanto tradutora.

PERGUNTA: Você pode falar um pouco sobre a sua formação profissional até agora? Como começou a traduzir?

RESPOSTA: Minha formação é Bacharelado em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela UFF. Sempre gostei muito de idiomas e sempre quis escrever. Por muito tempo, achei que jamais seria uma escritora, mas gostava muito da ideia de ler coisas no original. Então lia poesia, contos em espanhol e inglês... e seguir com essa bagagem de leitura me ajudou muito no trabalho.

Fui virar tradutora mesmo porque trabalhei em editora. Aqui no Rio, fiz estágio no escritório de uma agência internacional espanhola chamada Efe, uma agência de notícias cujos correspondentes são todos *hispano-hablantes*. A gente recebia as matérias que vinham de todos os lugares do mundo, os editores selecionavam e uma equipe de jornalistas e

estagiários traduzia. Então foi o meu primeiro contato traduzindo reportagem do espanhol para o português, que me fez entender que tradução não é uma equivalência perfeita e não é só você ter um dicionário na mão. Depois desse estágio de um ano, em 2008 eu fiz um estágio rápido na editora Objetiva, que foi onde aprendi como se fazia livro. Depois, fiz uma Pós-Graduação na FGV do Rio em mercado editorial, que ensinava como a editora funciona, desde você pegar um original até negociar o livro com a livraria. Comecei na Cosac Naify em 2012 como redatora de marketing. Aí eu fazia o contrário, traduzia sinopses do português pro inglês, mas é porque eram textos curtos, ou fazia apresentações corporativas da editora em inglês. Então lidava sempre com esse tipo de raciocínio. Depois, saí da Cosac em 2014 e trabalhei na Globo Livros por um ano e meio, saí de lá no comecinho de 2016. E aí comecei a trabalhar como *freelancer*, fazendo de tudo. Fazia rede social, assessoria de imprensa e projeto de marketing digital pra editora pequena, fazia uns *freelas* de comunicação corporativa. Na época, um amigo que trabalhou comigo na Cosac e era assistente editorial da Harper Collins precisava de uma jornalista para traduzir uma grande reportagem, que era um livro chamado *Jihadi John*, o subtítulo escolhido pela editora foi "Como se faz um terrorista". É uma reportagem investigativa de um repórter que cobria o estado islâmico e aí começou a investigar a vida dos jovens muçulmanos que eram cooptados.

Na época que comecei a traduzir esse livro, estava começando a escrever o meu livro de poesia, e era um período em que eu traduzia bastante poesia. Estava lendo muita coisa em inglês de autoras como bell hooks, Audre Lorde, Claudia Rankine – todas autoras das quais depois virei tradutora –, uns poemas de umas poetisas menos conhecidas, que não tinham tradução, e era umas coisas que eu fazia como pesquisa para o livro, estava pirada, e aí comecei a traduzir esses textinhos e soltar nas redes sociais. Conhecendo um monte de gente de editora, mandando currículo, falando "olha gente, fiz tradução de um livro que vai sair pela Harper, mas estou procurando outra coisa, me manda teste". Nessa correria surgiram duas coisas que foram fundamentais para me tornar uma tradutora profissional. Uma foi quando eu estava divulgando trechos da Claudia Rankine, porque queria muito traduzir o livro *Cidadã*

dela, e mandei para a revista de umas amigas da UFSC sobre traduções de mulheres. Fiquei soltando algumas coisas nas redes sociais e aí o Paulo Roberto Pires, editor da Serrote, falou “olha eu comprei os direitos da Rankine, você não quer traduzir dois capítulos do *Cidadã* para a gente?” e eu falei “um dos que você quer já está pronto, traduzido aqui na minha casa”. E aí saiu essa tradução da Rankine pela Serrote, e então o pessoal da Autêntica me chamou para fazer um teste para traduzir o *Irmã Outsider*, que eu acabei traduzindo. Nesse meio do caminho pintaram outros livros infanto-juvenis, que eu me divirto muito fazendo. As pessoas acham que não gosto de traduzir ficção, ou então é porque falo muito de teoria feminista e de poesia, mas me divirto muito fazendo esses livros. Traduzi um muito bonitinho, o *As estrelas sob nossos pés*, que é nessa pegada de autores negros escrevendo no contexto do *Black Lives Matter*. E assim foi, fui fazendo esse portfólio e não parei mais. E as coisas estão caminhando assim mais ou menos desde 2018.

P: Pra começar a traduzir livros você foi meio que se divulgando então né?

R: Sim. A minha trajetória é de certa forma um pouco diferente porque passei muito tempo dentro de editora. Então conheço vários editores e sabia por exemplo que para um editor me chamar para trabalhar, eu precisava primeiro mostrar o trabalho. Não adiantava chegar pedindo um teste, eu tinha que mostrar um poema traduzido e o original, mostrar um ensaio e o original. E para isso usei bastante o meu perfil no Medium,¹ porque eu lia um poema que gostava, aí traduzia e deixava lá o poema e o original. E aí quando eu pedia um teste para as pessoas e elas me pediam que mandasse uma coisa que eu já traduzi, mandava os textos, entendeu?

P: Quando você começou a se engajar com o tema do feminismo negro?

R: Eu comecei a ler sobre feminismo negro em 2015. Em 2014 surgiu o clube de leitura "Leia Mulheres", e comecei a participar de algumas

¹ *Medium* é uma plataforma de publicação de textos. O perfil da Stephanie se encontra aqui: <https://medium.com/@stephieborges>.

reuniões lá em São Paulo. Dei uma organizada na minha estante e foi quando caiu a ficha de que lia muito mais homens que mulheres. Nesse processo vi que lia poucas autoras negras e poucas autoras brasileiras, e eu falei “tô toda errada comigo mesma, como é que eu sou uma mulher negra brasileira lendo esse monte de autora branca?”. Foi a época que comecei a pesquisar mais, comecei a ler Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves. Um livro que foi muito marcante para mim foi o *Má feminista* da Roxane Gay, em que ela fala muito da experiência de ser uma mulher negra gorda, e de mesmo ela sendo uma professora acadêmica ela não ser tratada como tal (com respeito), ou de problemas que ela identifica da representatividade ou de crítica cultural. Eu concordava com várias coisas que ela falava. Por exemplo, a maneira com que a gente fala de livro no Brasil, que considero ainda bastante elitizada. Enquanto as pessoas estão debatendo se isso é ou não literatura, a gente tem um monte de gente que nem é leitora, a gente precisa entender por que as pessoas se interessam por um tipo de leitura e não por outros.

Comecei a ler Chimamanda, a procurar autoras negras contemporâneas como a Yaa Gyasi (*Caminho de casa*), e o Ta-Nehisi Coates (*Entre o mundo e eu*) também. Entrei numa piração e foi aí que eu cheguei em Toni Morrison, Alice Walker e pensei “tem essas autoras que são autoras negras e feministas, mas eu vou ler a teoria”. Fui parar na bell hooks... e aí fui ler a Audre Lorde e a Angela Davis, que saiu traduzida nesse meio tempo. Então é um percurso meio caótico, porque tinha uma questão pessoal de descoberta das minhas questões. Durante muito tempo sendo uma mulher negra de classe média, que estudou numa universidade pública e vivia em espaços muito brancos, eu sempre tive a sensação de que minha avó que passou racismo, o que eu passava era um incômodo, mas não era necessariamente racismo. Até que comecei a entender que a coisa não era tão boa quanto pensava e que eu realmente precisava parar para ler e entender como me posicionar no mundo.

Nesse processo de ler mais, comecei uma *newsletter*, que é como uma carta, divido o que leio e recomendo até livros dos quais eu não gostei, porque acho que vale a pena por x, y, z motivos. Nesse processo, ia mapeando autoras legais que não foram traduzidas no Brasil, mas poderiam e deveriam ser. Isso fez parte do meu amadurecimento como autora,

mas também do meu processo como tradutora, porque comecei a traduzir autoras com quem já tinha uma certa familiaridade. No caso da Lorde, ela já era traduzida no Brasil tanto na guerrilha feminista, dos coletivos, quanto academicamente pela Tatiana Nascimento. Só que o mercado editorial ainda não estava preparado para apostar nessas autoras.

Então teve esse processo de abertura do mercado editorial brasileiro para reconhecer esses pontos cegos, que autoras brasileiras importantes não recebiam certos investimentos. E aí ele casou com eu ser uma pessoa conhecida de alguns editores que conversavam comigo antes de comprar certas autoras. E às vezes acontece isso, eles falarem “ah, mas e seu eu comprar, você traduz?”, e eu responder “traduzo!” [risos]. E aí tenho que separar uma agenda e ter umas janelas de tempo para trabalhar esse livro. A Audre Lorde é uma que chegou aqui com um superatraso, infelizmente, mas claro que antes tarde do que nunca. É maravilhoso que agora esteja disponível, que as pessoas possam ler na universidade e citar *Irmã Outsider*, estudar a poesia dela.

P: E isso acabou desembocando também na sua produção como autora, né? Como isso se engaja também com a sua tradução? Onde você vê interfaces entre o que você faz na poesia e na tradução?

R: Tem as traduções que faço por trabalho e as que faço aqui na minha casa porque gosto. Eu gosto muito de um poeta chamado Ben Lerner. Ele é mais conhecido como romancista, mas a poesia dele é incrível. Tem um ensaio chamado “Ódio à poesia”, que eu acho maravilhoso, onde ele se questiona por que as pessoas odeiam a poesia. Vai desde tipo, por que Platão queria expulsar os poetas da república, até a crítica da poesia, a má poesia. Falando desse livro da Rankine, o *Citizen*, ele diz que o tempo todo a narradora dos poemas não fala “eu”, nunca. Ela fala: “você está em um lugar e vem uma pessoa e finge que não vê e fura a fila na sua frente, e essa pessoa é um homem branco”. Ela está falando da mulher negra ser considerada invisível na fila da farmácia. Ele fala que esse jogo é muito interessante, porque embora você saiba que aquele “você” que ela está falando não é você leitor, você fica entre a identificação e o estranhamento. Então pode ser uma leitura de super estranhamento ou super identificação. Eu me identifiquei horrores e achei essa mulher genial.

Ler a Rankine quando estava escrevendo meu livro foi um baque para mim. Porque queria muito escrever sobre certas experiências de ser uma mulher negra a partir da questão do cabelo, e de como na verdade ele é uma brecha para que várias pessoas te digam várias coisas sobre você, e de como isso é uma questão não só racial, mas do patriarcado também. Uma coisa que não queria de jeito nenhum era usar certas palavras nos poemas que fizessem com que as pessoas taxassem o meu livro de sei lá, "militante", usar "jargão", enfim. Porque isso faz com que as pessoas ignorem o trabalho literário que você desenvolveu, de linguagem, de referência, de colagem, e falem "esse é um livro de racismo". Então, quando li a Rankine eu fiquei encantada, porque ela escreveu um livro inteiro sobre racismo sem usar a palavra "racismo". Então trabalho muito com essa coisa de ler algo e aquilo me afetar e aí eu quero traduzir. Gosto de traduzir autoras que escrevem com verso livre e trabalham com humor. Essas poesias geralmente são tratadas como uma coisa menor, "ah a mulher foi lá e escreveu seus sentimentos", "aquela mulher negra estava revoltada com o racismo, foi lá e escreveu um negócio". No ensaio "A poesia não é um luxo", a Audre Lorde fala da poesia como uma expressão de sentimentos, e aí as pessoas tendem a dizer que os poemas da Lorde são muito sentimentais. Mas se você pega para traduzir, tem um trabalho de ritmo, de sintaxe, de imagem, que é extremamente bem pensado e bem cuidado. Então não existe essa história de que aquela mulher estava muito emocionada e escreveu um poema.

A Dorothea Lasky é uma poeta que eu gosto muito. Ela tem um perfil famoso no Twitter chamado "@astro poets", e também tem uns poemas engraçadíssimos que traduzo porque acho muito bom. Adoro também a Angélica Freitas, morro de rir com uns poemas do *Rilke Shake* e do *Canções de atormentar*. Então gosto muito de achar essas poetas que fazem algumas coisas esquisitas. Gosto muito da Morgan Parker também, que tem um livro chamado *There are more beautiful things than Beyoncé*, em que ela imagina a Beyoncé escrevendo poemas. E é muito engraçado porque ela parte da ideia de perfeição que as pessoas têm da Beyoncé, mas que tem dias que ela está de saco cheio, tem dias que ela não está a fim. E isso vai desenvolvendo uma série de questões da representação do corpo da mulher negra, de como tratar a Beyoncé como uma pessoa

perfeita e inatingível é algo cruel, de como ela também deve se sentir sozinha em certos aspectos, nem que seja por ser extremamente bem sucedida.

Eu acho muito importante isso da mulher poeta se autorizar a ser engraçada, a gente se autorizar a coisas que a sociedade não espera de nós na poesia, e é o tipo de coisa que gosto de pensar a respeito para trazer para os meus poemas. É por isso que eu traduzo [risos], porque traduzir essas mulheres me ajuda a entender “como essa pessoa estava pensando isso aqui?”. Porque a tradução tem isso, né? Para traduzir você precisa ler muitas vezes e ler com muita atenção e você precisa pensar o texto e pensar, justamente, acho que a intenção, a agência do outro. Acho que isso me abre caminhos como poeta, isso me permite coisas que eu nunca pensei em fazer ou que eu pensei em fazer assim “putz, mas eu nunca vi ninguém fazendo isso”. E às vezes alguém foi lá e fez, tipo a mulher que escreveu um poema sobre a Beyoncé como se ela fosse um androide [risos].

P: Quando você faz essas traduções literárias tem vários gêneros (ficção, poesia, ensaios), qual é a particularidade da tradução de cada um para você?

R: Acho que é uma questão minha, de personalidade, gostar de traduzir gêneros diferentes, sou uma pessoa inquieta. Esse ano traduzi muitos ensaios e agora estou doida para pegar um romance, porque isso muda um pouco a minha lógica. Porque cada uma dessas traduções tem suas peculiaridades; assim como cada autora tem sua voz e questões estéticas, cada gênero tem a sua peculiaridade e ritmo de trabalho. O que dá mais trabalho de traduzir é a poesia. Embora as pessoas achem que é fácil por ser relativamente curto, na verdade o trabalho de linguagem é muito maior. As palavras, as referências, poesia às vezes também precisa de muita pesquisa, às vezes eu leio crítica literária ou artigo que saiu sobre aquele determinado livro pra me ajudar com minhas escolhas.

O ensaio é uma coisa que eu gosto muito de fazer e de ler, acho que hoje em dia depois que eu comecei a traduzir é o que eu mais leio na minha vida. E o ensaio é aquela peça fechada, ele tem um número x de páginas. Depende muito do estilo da autora. Tem ensaios muito pessoais

e outros mais factuais, tem uns que misturam, tem ensaio que é muito calcado em referências a outros autores, então isso às vezes exige uma baita pesquisa. Outro dia estava traduzindo um ensaio de uma poeta americana, Elizabeth Alexander, e ela num ensaio de seis páginas consegue me jogar Toni Morrison, Fanon, Judith Butler! [risos]. E aí tem que parar e pesquisar e ver se tem tradução pro português, como fazer funcionar em português uma citação de um verso de um poema que ela usa para fazer uma referência. Traduzir um livrinho inteiro de ensaios pode ser bom porque às vezes um ensaio dá um super trabalho e o seguinte é uma delícia, você faz super rápido e aí já foi [risos].

Quando a gente traduz autora negra tem muito material que é desagradável, e as pessoas acham que eu tenho muitos gatilhos traduzindo. Não é uma questão de gatilho, tem a ver com você estar traduzindo um texto elaborado, porque é teoria dialogando com uma série de outros autores e mobilizando uma série de questões, e além disso falando de uma coisa dolorida. Então é cansativo pelo trabalho intelectual de traduzir e além disso é um texto que te faz pensar “o sofrimento não acaba”. Porque, depois, eu ligo a televisão e vejo no jornal que a vida continua do mesmo jeito. Queria muito que aquilo ali fosse só teoria. Mas não é desafiador porque é desgastante emocionalmente, é desafiador porque já é um texto difícil e que ainda está negociando com questões relacionadas a coisas da minha vida que não são tão fáceis de lidar. É um acúmulo na verdade. Mas, por outro lado, tem outras coisas do tipo “nossa, como essa mulher é inteligente! Meu Deus, que alegria que eu traduzo ela!”, é tudo misturado.

P: E de ficção tem os que você já citou e o *Um outro Brooklyn* também. É um livro sobre o crescimento de uma garota no Brooklyn dos anos 70, com muitas referências aos EUA. Qual foi o desafio dessa tradução?

R: Esse livro é maravilhoso e eu fico com muita dó porque ele é muito bem pensado e acho que as pessoas estão falando muito pouco dele. Acho que o desafio desse romance foi preservar o ritmo da narrativa, os fragmentos, as frases geralmente curtas e a voz da narradora que parece ser muito cuidadosa em relação ao que ela decide revelar ao leitor. A mulher, hoje, sabendo o que sabe e voltando naquela menina, mas

muitas vezes ela fala como se ainda fosse aquela menina. No final, ela joga aquelas informações para você acabar de entender mais ou menos o que aconteceu, mas não te explica como virou a mulher que está narrando aquele livro. Então quando o livro acaba, você fica “meu Deus, me conta!” [risos]. É incrível, e quando eu li gostei muito, mas quando chegou no fim da tradução, falei “gente, esse livro é muito mais legal do que eu achei quando eu li”.

Porque tem livros que são assim, né? Você pega para ler como leitor e tem uma experiência, e depois outra como tradutor. Por exemplo, uma coisa que me preocupava muito nesses fragmentos dela é que de repente vem um diálogo no meio da memória. Tudo bem, o autor mete um itálico lá, mas você tem uma mudança de registro. Em inglês, eles aceitam a gíria com muito mais facilidade, o editor brasileiro ainda dá uma limpada né, em gíria e em *black English*. E aí como faço funcionar no português essa mudança do tipo “ela tá num inglês normal, vira num coloquial e volta?”. Ela te traz uma lembrança mais ou menos estruturada, e nela tem um monte de coisa, e aí não tem como trocar por um equivalente brasileiro. Não adianta dizer que ela morava num lugar cheio de mangueira e amendoeira, plantas que vi minha infância toda no Rio, por uma questão de território. A gente procura o nome popular da planta em português e vai na fé [risos].

E uma coisa que eu acho incrível, e as pessoas falam bem pouco é que a Jacqueline Woodson é uma mulher lésbica, negra, casada, mãe, mas ela não necessariamente escreve sobre isso. Ela escreve sobre a experiência de ser menina, depois uma menina que acaba se descobrindo bissexual, mas ela faz isso com muita sutileza e naturalidade, então não vira uma coisa do romance. Você não diz “esse é um romance LGBT”. Ela traz muita coisa de uma maneira muito sintética e a linguagem desse romance é a mesma coisa que eu falei da Rankine, não é uma linguagem que diz “nossa como é difícil ser negra, ai o racismo é uma bosta”. Não, a pessoa te conta a vida dela, e você percebe do que ela te conta como várias coisas se articulam na experiência dela. E acho que ele é muito bem resolvido por causa disso. Não é um livro que quando acaba você fica “ai que *bad* isso aqui”, não é um romance “vou explicar para você a humanidade dessa menina”. Isso não é uma questão.

P: Tem algum tradutor do inglês para o português no qual você se inspira? Quais são as suas referências?

R: Olha, esse negócio de se inspirar em outros tradutores é complexo. Porque tem tradutores que a gente gosta às vezes porque é nosso amigo, troca uma ideia, são as pessoas para quem a gente pede socorro, né? Uma pessoa que tem traduzido cada vez menos, mas que me encorajou muito a traduzir poesia foi a Angélica Freitas. Ela traduziu durante muito tempo na *Modos de Usar*, que foi uma revista bem importante na minha formação de poesia. A Angélica e o Ricardo Domeneck são duas pessoas que eu respeito muito. Respeito muito o trabalho da Tatiana Nascimento, que faz traduções não só da Audre Lorde, mas da Cheryl Clarke, Dionne Brand, Pat Parker também, umas poetas negras ligadas ao feminismo dos anos 70 super importantes. Ela foi uma pessoa que abriu muitos caminhos na academia e que debateu anos atrás coisas que estão chegando só agora no mercado editorial. A Jess Oliveira, que traduziu o *Memórias da plantação* da Grada Kilomba, tem um trabalho muito legal. Gosto também dos trabalhos da Cecília Floresta, que também traduz várias autoras negras e acabou de lançar o livro de poesia dela. A Mariana Ruggieri é uma pessoa que eu acho incrível, foi minha editora trabalhando com a Rankine, editou o *Cidadã* e revisou minha tradução de *A Unicórnica Preta*. E ela traduz desde Bernadette Mayer a Cecilia Pavón, uma pessoa que procura traduzir essas poetas diferentes com poemas esquisitos. Quando você manda a tradução para ela revisar ou editar, tem essa minúcia da pesquisa que nem eu. Então a Mariana para mim é uma referência e uma pessoa com quem tenho muita alegria de trabalhar, porque ela é muito cuidadosa. O Tiganá Santana é poeta, filósofo, tradutor, tem uma tese maravilhosa sobre a tradução de um livro de filosofia que explica a cosmogonia Bantu e ele também é cantor, sou fã dele.

P: Como você enxerga o mercado de tradução no Brasil hoje?

R: É complicado. Pelo seguinte: a gente lê muita tradução, mas infelizmente não tem dispositivos e garantias trabalhistas. A questão de *freela* é sempre uma negociação, caso a caso. Algumas editoras pagam um valor mais justo, outras não. Dependendo do livro que você pega, o prazo às vezes não está nem perto do ideal, isso varia muito e infelizmente é

o tipo de coisa que você só descobre trabalhando, pega experiência e fica esperto para a próxima vez. Tem muita gente boa querendo entrar no mercado editorial da tradução, e ele é bastante fechado ainda, mas dar espaço para pessoas novas possibilitaria dar uma arejada em certas questões. Eu peguei uma onda de pessoas me perguntando se eu achava que só mulheres negras poderiam traduzir autoras negras. Não acho, mas todo tradutor branco que se atreve a traduzir uma autora negra tem que ser extremamente atento, tem que ter amigas negras para fazer perguntas, tem que ler outras autoras negras para entender o que é mobilizado ali. Mas não vejo problema nenhum em um tradutor ou tradutora LGBT traduzir um romance hétero, faz parte. Porque também se cria essa coisa de “vamos traduzir mais autoras LGBT, precisamos de mais tradutores LGBT”. Precisa sempre, precisa para tudo! Para traduzir legenda, *games*, documentário da Netflix. Brinco às vezes quando as pessoas me perguntam esses essencialismos: “gente, se vocês quiserem me pagar para traduzir um homem branco, também, eu traduzo, sem problemas” [risos].

Outra coisa que considero importante é que traduzir pro mercado editorial é sempre lidar com tempo. Você tem que calcular quantos meses tem para traduzir um livro e quanto eles te pagam por uma lauda de 2.100 caracteres, mas só vai receber aquele dinheiro um mês depois de entregar a tradução mais ou menos. Então precisa ir fazendo a sua quantidade x de trabalhos, saber o seu custo fixo, da sua casa, e ir fazendo essa conta. Pela quantidade de trabalho que tradução dá, a gente deveria ser remunerado para poder só traduzir e pesquisar. Infelizmente isso não acontece, por uma série de questões. Nosso mercado é pequeno, se a gente parar para pensar, a tiragem de um livro de literatura no Brasil é muito pequena. Se a gente tivesse um mercado mais saudável, a gente teria condições de brigar para que toda a cadeia de produção do livro fosse melhor remunerada. Eu, a preparadora, a revisora, a assistente editorial, todo mundo. Então, para a quantidade de tradução que nosso mercado faz, principalmente com esses livros *trade*, livro que se vende na livraria destinado ao público geral, seria ideal que a gente fosse melhor remunerado. Mas acho que isso não é só uma questão do tradutor, isso

é uma questão para várias etapas da cadeia de produção do livro, uma questão de estrutura do nosso mercado hoje.

P: Existe alguma área da sua carreira para a qual você pretende dar mais prioridade no futuro (tradução, jornalismo, poesia), ou você continua querendo explorar todas?

R: Olha, de uma maneira geral, não pretendo dar um foco específico para nenhuma dessas áreas não. Gosto de fazer várias coisas diferentes. O que noto é que, por exemplo, cada uma dessas coisas precisa de alguns ajustes. Tenho muita vontade de parar e estudar tradução mais a fundo. Tem algumas leituras aqui que faço por minha conta em casa, tipo um livro de ensaios do Álvaro Faleiros sobre tradução de poesia e antropologia, chamado *Traduções canibais*. Separei para ler o livro de tradução literária do Paulo Henriques Britto. Porque eu acredito que tem todo um pensamento sobre a tradução que pode me ajudar a ser uma tradutora melhor. Um grupo de tradutoras profissionais do RJ criou uma empresa chamada A Pretexto, com cursos curtos de formação de tradução. Tipo curso de reciclagem de português para tradutores, que me interessa, por exemplo. Na verdade, em algum momento talvez voltar para a academia e fazer algo relacionado a essa experiência dos últimos 4 anos. Escrever a respeito de uma maneira organizada, sistematizada, com bibliografia...

Tenho vontade, na verdade, então de organizar um pouco a minha bagagem teórica como tradutora e tenho vontade de dar uma desacelerada nessa vida louca de traduzir um livro atrás de outro, não só para estudar, mas também para parar e pensar nas outras coisas que quero escrever. Esse ano tive uma experiência incrível de escrever um ensaio, uma coisa que achei que nunca ia conseguir fazer. O pessoal da Serrote me chamou para escrever um ensaio sobre a pandemia porque um dia fiz uma análise semiótica de uma imagem do Bolsonaro no Twitter, e aí escrevi um ensaio sobre imaginação, colonização e apocalipse zumbi dentro do contexto da pandemia. Mas o que eu quero é simplesmente escrever. Esse processo de escrever uma coisa totalmente diferente, que foi o ensaio, foi ótimo para sair disso de pensar a poesia o tempo todo. Mas meu plano, na verdade, é nesse sentido de começar a ler outras coisas que estão paradas aqui, me organizar e começar a pensar em

outras poesias que quero escrever. Agora como jornalista está ótimo, adoro resenhar livro. As pessoas me escrevem “você quer resenhar um livro e ganhar dinheiro por isso?”, e eu digo “sim, quero, por favor mandem!” [risos].

P: Bom, Stephanie, era isso. Muito obrigada, fiquei muito feliz com a entrevista e com a chance de poder compartilhá-la com meus colegas.

R: Espero que tenha ajudado, porque fico preocupada quando as pessoas vêm me pedir para falar da minha trajetória profissional, porque ela é meio caótica, simplesmente fui mudando. O que eu queria era trabalhar com livro, mas tive que fazer uma grande volta para chegar a esse ponto. Às vezes as pessoas me pedem dicas para dar para quem está começando e o que eu tenho a dizer é: traduza antes, mostre seu trabalho, faça portfólio. Agora não dá para fazer isso, mas vá a eventos, ouça outros tradutores falarem, veja *lives*. Porque o mais complicado foi entre a minha primeira tradução sair e a segunda aparecer. Eu tinha traduzido um livro, mas ele não estava visível, não podia falar dele nem divulgar, então isso era uma coisa que me criava uma certa ansiedade. Mas, para mim, é muito importante essa questão do portfólio, não ficar necessariamente esperando pintar um teste, achar coisas que você acha diferente, que não tem outras pessoas fazendo. Uma outra coisa que eu fiz também foi procurar editoras que faziam livros que tinham a ver com os que eu queria fazer. Arrumar um esquema para mostrar o seu trabalho é o melhor jeito. Porque com tradução não tem outra, as pessoas têm que ler a sua tradução e bater o olho no original e ver como você resolve certas coisas, como você se vira, isso é fundamental. Eu acho engraçado porque conheço várias tradutoras que reclamam da invisibilidade do tradutor. Uma coisa que faço muito é falar das minhas traduções. Tem coisas sobre traduzir a Audre Lorde que só eu vou conseguir falar porque só eu quebrei a cabeça fazendo esses poemas, não vou ficar preocupada se a editora está falando ou não de mim. Às vezes eu marco a editora no *post* só para ela ficar sabendo [risos]. Ainda se dá pouco crédito ao tradutor, mas já se deu menos e hoje em dia, com redes sociais, ninguém vai falar do seu trabalho como você.

Então acho que é isso. Respondi às suas perguntas e ainda falei sobre as coisas que mais me perguntam sobre como ser tradutor e como começar [risos] porque sei que não é fácil. Uma coisa é uma pessoa que acabou de sair da graduação, sei lá, com uns 25 anos, e eu, que comecei a traduzir com 32. Quando comecei a traduzir, já tinha 10 anos de trabalho nas costas, então, também essas coisas pegam. A cara de pau que tinha aos 32 é pouca comparada à que eu tenho hoje em dia [risos]. São manhas que a gente só vai pegando com o tempo, tem coisas que a gente só cria coragem depois de fazer, às vezes acerta, às vezes não. O fato de eu ter ganhado um prêmio literário mudou a minha carreira? Mudou, mudou o jeito como as pessoas falam comigo, como elas me oferecem trabalho, como elas negociam certas coisas comigo. Mas não me iludo porque sei que continuo sendo a *freela*, a pessoa que tem que entregar. E eu sei que se começar a pegar trabalho demais, a qualidade do texto vai cair e as pessoas não vão querer me chamar de novo.

Referências

- BORGES, Stephanie. *Talvez precisemos de um nome para isso*. Recife: Cepe, 2019.
- COATES, Ta-Nehisi. *Entre o mundo e eu*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Objetiva, 2015.
- FALEIROS, Álvaro. *Traduções canibais: uma poética xamânica do traduzir*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2019.
- FREITAS, Angélica. *Canções de atormentar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- FREITAS, Angélica. *Rilke Shake*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- GAY, Roxane. *Má feminista*. Tradução de Tássia de Carvalho. São Paulo: Novo Século, 2016.
- GYASI, Yaa. *Caminho de casa*. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- LERNER, Ben. *The hatred of poetry*. New York: FSG Originals, 2016.
- LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Autêntica, 2019.
- MOORE, Darvid Barlclay. *As estrelas sob os nossos pés*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Plataforma 21, 2018.
- PARKER, Morgan. *There are more beautiful things than Beyoncé*. Portland: Tin House Books, 2017.

RANKINE, Claudia. Cidadã. Tradução de Stephanie Borges. *Revista Serrote*, n. 28, mar. 2018.

VERKAIK, Robert. *Jihadi John: Como nasce um terrorista*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Harper Collins Brasil, 2017.

WOODSON, Jacqueline. *Um outro Brooklyn*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Todavia, 2020.

Tradução livre e independente: Entrevista com Camilla Felicori e Otávio Moraes

Clarice Maria de Jesus Macieira

Otávio Moraes é um dos editores da *Cupim*,¹ uma revista literária editada on-line e organizada em três eixos: escrita, leitura e conversas.

Camilla Felicori faz parte do grupo Redemoinho Traduções² e trabalha com traduções a partir do Espanhol. A Redemoinho Traduções é uma cooperativa de tradutores, autogestionada e horizontal, fundada por mim, Clarice Macieira, que traduz obras literárias de grupos minoritários, como mulheres e negros, para acesso gratuito ao público. Também oferece serviços pagos de legendagem e tradução através do site.

PERGUNTA: Camilla e Otávio, para começar, gostaria que vocês se apresentassem e contassem um pouco sobre a trajetória acadêmica de vocês.

OTÁVIO: Olá, me chamo Otávio. Atualmente sou Doutorando em Literaturas Clássicas e Medievais pela UFMG. Fiz meu Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC-Minas. Fui e sou bolsista de pesquisa durante essa trajetória, que inclui a Iniciação Científica que fiz ainda na Graduação. Sem elas eu não seria pesquisador. Acho importante frisar isso em uma apresentação acadêmica. Não é possível ler, pensar, ensinar e escrever sem o dinheiro do aluguel, do arroz e do feijão. Em um momento em que a educação sofre tantos cortes é tão necessário quanto sempre lembrar da materialidade da prática de pesquisa.

¹ Disponível em: <https://www.redemoinhotraducoes.com.br> ou em @redemoinhotraducoes no Instagram.

² Disponível em: <https://www.revistacupim.com.br>.

Meu objeto de estudo é a Teoria da Literatura, centralizada nas produções pré-modernas presentes no sistema literário português. Gosto e me interessa pelo processo de dar nome às coisas, principalmente às coisas literárias. Estudo, portanto, a relação entre essas práticas de escrita, trovadorismo e a poesia narrativa renascentista, e o processo de sistematização delas, suas poéticas, tanto em sua própria temporalidade quanto na recepção crítica contemporânea.

Fora das questões envolvendo minha pesquisa de Doutorado, sou Editor das revistas *Em Tese*, gerida pelos estudantes da Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG, e da *Revista Cupim*, plataforma voltada para publicação e divulgação de literatura, tradução literária e crítica literária.

CAMILLA: Olá, meu nome é Camilla Felicori, tenho 36 anos de idade, nascida em Belo Horizonte em 1984. Aos dezessete anos, ingressei na UFMG no curso de Comunicação Social, o qual cursei por dois anos quando pedi reopção de curso para Filosofia, Graduando-me em 2008. Neste mesmo ano comecei um Mestrado interdisciplinar em Literatura, Arte e Filosofia na Universitat Pompeu Fabra, em Barcelona, recebendo o título em 2009. Ao retornar ao Brasil, dei aulas de Filosofia em uma escola para o ensino fundamental e médio e depois comecei a trabalhar na Editora Bernoulli como redatora (cargo que se assemelha ao de editora) de Filosofia, trabalhando com materiais didáticos de Filosofia. Em meio a tudo isso casei-me e meu atual ex-marido conseguiu uma bolsa de doutorado na Alemanha, em Hannover, quando nos mudamos para lá. Impossibilitada de trabalhar ali por não falar alemão, comecei a trabalhar com tradução ao ser aprovada numa seleção para a empresa de legendagem Sfera Studios, hoje denominada Deluxe Entertainment, onde não trabalho mais. Hoje, de volta ao Brasil, comecei a cursar Psicologia na PUC-Minas.

P: Por que o interesse por tradução? Especialmente, gostaria que vocês falassem o porquê de traduzir livremente, fora do mercado tradutório, em seus respectivos projetos, a *Revista Cupim* e a cooperativa de tradutores Redemoinho.

OTÁVIO: Acho que eu me interessei por tradução por ver ela realizar algo que remete às minhas primeiras impressões de assombro com a linguagem. Sempre gostei de literatura, tive muita sorte de ter pais, tios e primos leitores. Minha intimidade com livros estrangeiros vai até o carço, como *O Pequeno Príncipe*, *O apanhador no campo de centeio*, *Robinson Crusóé*... que emergiam para mim, em um português tão "real", capaz de me fazer sentir a leitura. Me fazia desconfiar de que havia algo a mais nesse movimento de uma língua para outra.

Enquanto pesquisador, na lenta caminhada até o Doutorado, fui percebendo também o quanto que o gesto "tradutorial" também produzia efeito no plano das reflexões teóricas. As escolhas, ou melhor, apostas que a tradução de teoria ou ensaísticas implicam acabam direcionando as possibilidades interpretativas do leitor.

Traduzir, portanto, é uma maneira de apostar em semelhanças e diferenças na realização de um texto em outro idioma. Na minha opinião, isso é uma maneira muito concreta de realização do poder. É renomear as coisas simultaneamente em simultânea fidelidade e infidelidade.

No caso da *Cupim*, a proposta é tanto pedir quanto receber traduções no intuito de divulgar material literário e crítico de uma maneira ampla, fora do campo mais restrito da tradução acadêmica e também do mercado editorial. Proporcionar para um público em aberto esse assombro com a língua que é ler uma bela tradução.

CAMILLA: Sempre gostei de escrever escrita criativa. Quando comecei a trabalhar com tradução, percebi que a tradução é um trabalho extremamente criativo, a cada escolha, um novo significado é gerado. Ao traduzir um texto você amplia o leque de leitores possíveis e isso é muito importante quando se trata de textos provenientes de minorias, como os que traduzimos na Redemoinho. Sempre pensei que as minorias deveriam ter mais espaço na sociedade, e a escrita é um modo de afirmação muito poderoso.

P: Como vocês enxergam a visibilidade do profissional da tradução e do tradutor, no geral, no Brasil? Vocês acham que o tradutor é uma figura valorizada?

CAMILLA: Me parece que a figura do tradutor é muito desvalorizada não só no Brasil, mas também no restante do mundo, exceto nos casos de tradução juramentada, a qual é muito bem paga. Clientes aparecem achando preços razoáveis, muito altos, esperando pagar um valor irrisório por várias horas de trabalho do tradutor. Isso ocorre tanto nos casos de tradução de textos quanto na legendagem, quando é necessário, não apenas traduzir, mas também sincronizar, formatar etc.

P: Ainda nesta mesma temática, sabemos que o MEI não reconhece o tradutor como microempreendedor no Brasil. O que isso diz a vocês?

CAMILLA: Para mim o fato de não haver a categoria de tradutor no MEI é mais uma mostra de como nossa profissão é desvalorizada, apesar de sua extrema importância.

P: Quais conselhos vocês dariam a pessoas que traduzem livremente ou que gostariam de começar a traduzir? Espaços, como os que vocês criaram, auxiliam que novos tradutores se coloquem à vista. Eu sei que a *Cupim* está aberta a receber traduções, por exemplo.

OTÁVIO: Eu mesmo estou nessa posição de um tradutor ainda moço, conseqüentemente, não me sinto como alguém que já conhece o caminho das pedras. O que posso dizer é que, na minha vivência, a tradução está instaurada em um plano duplo: por um lado, uma espécie de prática lúdica, tradução enquanto jogo. Acho que os textos oferecem um desafio criativo delicioso, seja na tradução de uma estrutura métrica, no caso de um poema, ou na busca de emular um efeito que o texto opera em sua língua de origem. Por outro, é um exercício intelectual interessantíssimo, traduzir implica criticar. É preciso mergulhar no objeto, na busca pelas relações de identidade e de diferença entre as categorias conceituais que cada palavra desvela. Traduzir é uma maneira de estar consciente.

CAMILLA: Acredito que a melhor forma de se aprimorar na tradução é com a prática. Por isso, buscar textos que não foram traduzidos para o português e traduzi-los, bem como disponibilizá-los pela internet é uma ótima forma de ganhar experiência, além de realizar algo bastante útil para a sociedade.

P: Atualmente, tradutores têm trabalhado via aplicativos, em que há um intermediário (Get Ninja, Proz, Workana, por exemplo), e que muitas vezes se paga apenas para visualizar os projetos. O que acham desse modo de trabalho? Precariza a figura do tradutor?

CAMILLA: Acredito que trabalhar com tais intermediários é uma "uberrização" do trabalho do tradutor. O termo, proveniente da sociologia, se refere à precarização do trabalho, com a oferta de serviços sem quaisquer direitos trabalhistas. Ao trabalhar nesses esquemas de terceirização, o tradutor não tem nenhum direito caso adoeça, caso a mulher engravide, caso haja uma pandemia global. Além disso, muitas empresas pagam valores irrisórios e, infelizmente, ainda há pessoas que se submetem a estes valores, o que desvaloriza deveras nosso trabalho. Algumas vezes as empresas buscam tradutores de países com a moeda desvalorizada para pagarem ainda menos. Quando trabalhei na Deluxe, observei que o valor que eu recebia por minuto de vídeo era um quando estava morando na Alemanha, diminuía um pouco quando me mudei para o Canadá e, quando atualizei meu endereço para o Brasil, eles diminuíram em um quarto o valor do minuto. Se eu tivesse começado a trabalhar do Brasil, jamais saberia que aquele que está na Europa está recebendo muito mais por minuto de vídeo.

P: Ainda sobre o mercado de trabalho, é preciso que o tradutor tenha um portfólio individual, muitas vezes, e que ele seja bem apresentado. Me dirijo à Camilla especificamente, agora, para perguntar como é trabalhar com um portfólio que está sendo construído coletivamente? Com textos que são corrigidos coletivamente?

CAMILLA: Acredito que, assim como um texto literário nunca está acabado, uma tradução nunca está finalizada. Quando escrevo um texto literário eu costumo gostar de publicá-lo em alguma plataforma para ver-me livre dele, caso contrário sempre encontrarei coisas para alterar, tornando o trabalho infundável. Para mim, o mesmo acontece com traduções. Sempre há algo a melhorar, uma escolha de termo melhor a ser feita, mas os tradutores, humanos, sempre podem errar ou não fazer a melhor escolha, por isso, ter seu texto corrigido por outro tradutor é um

ganho inestimável. Trata-se de uma relação de troca e enriquecimento contínuo do trabalho.

P: Otávio, você pode nos contar por que a *Revista Cupim* decidiu que haveria uma sessão dedicada exclusivamente a traduções?

OTÁVIO: Acreditamos em uma perspectiva “tradutorial” muito afinada com uma concepção poética, ou seja, de prática criadora. Nesse sentido, tanto as obras originais quanto as traduções compõem o mesmo “setor” da revista: escrita. A ideia de conjugar tradução e produções autorais tem como reivindicação a realização “espacial” de uma convicção de que a tradução, tanto na ensaística quanto no literário, é verdadeiramente “transcrição”.

P: Otávio e Camilla, como são decididos quais textos e autores serão contemplados com traduções? Com quais línguas vocês trabalham atualmente?

CAMILLA: Na Redemoinho nós escolhemos textos provenientes de minorias e que nunca foram traduzidos para o português. Trabalho com espanhol, inglês e estou começando a trabalhar com o francês.

P: Camilla, como foi trabalhar em uma grande empresa de tradução e legendagem? E como você relaciona isso com o que está fazendo agora?

CAMILLA: Foi um processo de muito estresse e altos e baixos, porque você nunca sabe quando receberá trabalho e, quando eles me escreviam oferecendo trabalho (a plataforma utilizada era o Skype), se eu não respondesse naquele mesmo momento, eles chamavam outra pessoa. Por esse motivo, eu ficava o tempo todo atenta ao celular. Teve uma vez que eu estava dançando numa boate e fui olhar meu celular, tinha um trabalho, voltei correndo para casa para não perdê-lo. Acabei ficando dependente do celular, estou, aos poucos, tentando me livrar desse hábito de olhar toda hora para ver se tem uma mensagem nova, afinal, não trabalho mais lá. Além disso, os prazos eram muito apertados. Tinha dias que eu trabalhava freneticamente por doze horas sem parar para comer direito, bebendo redbull e coca cola, um estilo de vida nada saudável.

P: Vocês consideram que é preciso uma formação em tradução para traduzir? Se sim ou se não, por quê?

CAMILLA: Sinceramente acho que uma formação em tradução é algo muito rico e válido para o tradutor. No entanto, eu não tenho essa formação. Com certeza aprenderia muito e teria tido menos erros do que tive ao longo do meu percurso profissional. Aprendi muitas coisas na prática e creio que há aprendizagens que só se consegue com ela. Por isso creio que idealmente ter uma formação aliada à prática, além de um ótimo domínio da língua portuguesa, constituirão um bom profissional. Não basta ser bom na língua que se traduz, é preciso ter uma bela habilidade na escrita da nossa língua mãe.

P: Qual o último texto que vocês traduziram? Gostaria que vocês comentassem um pouco sobre ele.

OTÁVIO: "Eu te amei", Alexandre Pushkin

Eu te amei, e, talvez, tenha amado de verdade
O velho amor nunca foi embora
Mas deixemos de lembrar das minhas ninharias
De qualquer maneira, não quero entristecer-te agora

Te amei silencioso, sem esperança, sem apesar
Na desconfiança, no ciúme e na dor;
Te amei com tanta ternura e verdade,
Assim como o próximo homem há de te amar.

Essa foi minha última tradução. É um poema do poeta russo Alexandre Pushkin. Eu estava lendo um ensaio do Roman Jakobson no qual ele faz referência a esse poema. Fiquei curioso e fui procurá-lo. Achei ele de uma beleza singular. Como não falo russo, fui procurar traduções em língua inglesa. Gostei, particularmente, da versão construída por Yevgeny Bonver.

Por gostar do poema fiquei com vontade de ver as possibilidades dele em português. Essa foi minha aposta.

É um texto curto, os pontos de maior dificuldade foram manter as rimas e conjuntamente achar termos em português que transmitissem uma relação de semelhança com o tom do texto poético.

Talvez ele saia em alguma das próximas edições da *Revista Cupim*. Mas, o que realmente é interessante nesse poema é que ele realiza em mim aquela relação lúdica com a linguagem, um dos motivos de traduzir. Foi prazeroso buscar essa fidelidade infiel com o texto. No caso particularmente infiel, afinal, é uma tradução de uma tradução. Algo duplamente distante do mundo das ideias.

CAMILLA: O último texto que traduzi foi um trecho do diário da poeta argentina Alejandra Pizarnik. É um trecho que traduzi para o setembro amarelo e no qual a poeta reflete sobre sua não vontade de viver em contradição com sua vontade de se sentir melhor em relação à vida, e a importância do amor para seus sentimentos de pertencimento ao mundo. Me parece um texto muito bonito.

P: Para terminar, gostaria que vocês comentassem duas citações de Madame de Staël, em seu ensaio "Do espírito das traduções", que acho que se relaciona com o trabalho de vocês: " [...] a circulação de idéias é, de todos os tipos de comércio, o que apresenta as mais seguras vantagens" e "Mesmo entendendo bem as línguas estrangeiras, seria possível saborear, por meio de uma tradução bem feita na sua própria língua, um prazer familiar e íntimo".

OTÁVIO: Acho que as duas citações, com o perdão da redundância, traduzem muito bem a própria ideia de tradução. Como havia dito antes, percebo na tradução esse deslocamento de intimidades, pensando na língua como o plano mais íntimo da relação sujeito-mundo. A partir do momento que um texto é realizado em uma nova língua ele constitui parte dessa sensibilidade. É paradigmático o caso de Shakespeare na formação de uma literatura alemã.

Sobre a circulação de ideias, a questão assume, na minha opinião, uma politicidade mais imediata, não que essa gestão da intimidade que tomei como questão no último parágrafo não o faça, mas no caso da ensaística, da teoria, é inquestionável. Existe um belíssimo conto do Borges, "A procura de Averbóis", no qual a tradução da poética aristotélica

é tomada como assunto. O filósofo mouro tem como exercício lidar com o impossível que é traduzir termos que ele desconhece, comédia e tragédia.

Acho emblemática tal construção, no interior do “comércio de ideias” a troca já ocorre, não de maneira pacífica e rotineira, mas sob a agressividade primordial que é a incompreensão que medeia a relação entre os homens. O salto do incompreensível em direção ao traduzível, é esse regime de ganhos e perdas que realiza na diferença e pela diferença a proximidade e a distância entre tudo que é humano.

CAMILA: Quando estudei Heidegger, na Graduação de Filosofia, lembro-me de meu professor, no primeiro dia de aula, falar que Heidegger é um filósofo que escreveu textos muito difíceis e que ele recomendava que lêssemos a tradução para o espanhol. No prefácio à tradução, o tradutor espanhol chamou a atenção para o fato de que lhe parecia que alguns conceitos heideggerianos eram mais fáceis de entender na sua tradução para o espanhol do que no seu original em alemão. O que o tradutor estava buscando dizer é que ele conseguiu clarificar o texto de Heidegger em sua tradução. Fico pensando também, um dia, vi uma tradução para o francês de um livro do Paulo Coelho. Ao folheá-lo, notei que a tradução estava muito linda e pensei; é por isso que os estrangeiros gostam tanto do Paulo Coelho! As traduções são bem melhores que o original!

Referências

PUSHKIN, Alexandre. *I loved you*. Tradução de Yevgeny Bonver. Disponível em: https://www.poetryloverspage.com/poets/pushkin/i_loved_you.html. Acesso em: 18 nov. 2020.

STAËL, Madame de. Do espírito das traduções. Tradução de Marie-Hélène Torres. In: FAVERI, Cláudia Borges de; TORRES, Marie-Hélène Catherine (orgs.). *Clássicos da teoria da tradução*. V. 2. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2004. p. 15-21.

Sobre os autores

Anna Palma é professora das áreas de Tradução e Literatura Italiana, e da Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras (UFMG). Como pesquisadora, se dedica mais especificamente à linha Poéticas da Tradução, com especial ênfase na Tradução de Teatro, com a participação no Grupo de Pesquisa de Tradução de Teatro – GTT (UFMG-CNPQ) e a criação do projeto-laboratório “Dario Fo e Franca Rame: Espaço Virtual” (disponível na página: <https://darioefranca.com.br/>).

Cássio Biz Morosini Filho é estudante do curso de Bacharelado em Tradução: Português-Inglês, da Faculdade de Letras da UFMG.

Clarice Maria de Jesus Macieira é estudante do curso de Bacharelado em Tradução: Português-Inglês.

Douglas Francisco é estudante do curso de Bacharelado em Tradução: Português-Francês da Faculdade de Letras da UFMG.

Elisa Cordeiro Praes é estudante do curso de Bacharelado em Tradução: Português-Italiano da Faculdade de Letras da UFMG.

Gabriel Portella Carneiro é estudante do curso de Bacharelado em Letras Clássicas: Latim, da Faculdade de Letras da UFMG.

Isabela Braga Lee é estudante do curso de Bacharelado em Tradução: Português-Inglês, da Faculdade de Letras da UFMG.

Lívia Elisa Lemos Melo é estudante do curso de Bacharelado em Tradução: Português-Latim

Milene Rocha Vieira é estudante do curso de Bacharelado em Tradução: Português-Inglês da Faculdade de Letras da UFMG.

Tauani Lavarini é estudante do curso de Bacharelado em Tradução: Português-Inglês da Faculdade de Letras da UFMG.

Publicações Viva Voz de interesse para a área de estudos literários

De quebrada: não procure no centro

Karine Bassi (Org.)

Leandro Zere (Org.)

Joi Gonçalves (Org.)

A volta para Marilda: Roteiro completo e processo de criação

Elen de Medeiros (Org.)

Criadores e Criaturas na Literatura II

André Mendes (Org.)

Emília Mendes (Org.)

Lyslei Nascimento (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em versão eletrônica no *site*: <<https://labed-letras-ufmg.com.br/>>

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Priscila Oliveira da Mata - CRB/6-2706

T763 A tradução como prática (e teoria) : entrevistas com tradutoras e tradutores / Organizadora: Anna Palma. – Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, 2021. (Viva Voz)
92 p.

ISBN: 978-65-87237-28-2 (digital)

ISBN: 978-65-87237-27-5 (impresso)

1. Tradução e interpretação. I. Pallma, Anna. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título. IV. Série.

CDD : 418.02



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de edição.

A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel reciclado 90 g/m² (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.